Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro Biomédico
Instituto de Medicina Social Hésio Cordeiro

Gustavo Henrique da Silva

Raça, gênero, sexualidade e interseccionalidade: a potência da bixa preta

Rio de Janeiro

2020

Gustavo Henrique da Silva

Raça, gênero, sexualidade e interseccionalidade: a potência da bixa preta

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre. Área de concentração: Ciências Humanas e Saúde.

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Luis Carrara

Rio de Janeiro

2020

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CB/C

S586 Silva, Gustavo Henrique da

Raça, gênero, sexualidade e interseccionalidade: a potência da bixa preta / Gustavo Henrique da Silva – 2021.
77 f.

Orientador: Sérgio Luis Carrara

Mestrado (Dissertação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Medicina Social.

1. Homossexualidade masculina – Teses. 2. Interseccionalidade – Teses. 3. Grupo com ancestrais do Continente Africano – Teses. I. Crrara, Sérgio Luis. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Medicina Social. III. Título.

CDU 323.14:613.885

Bibliotecária: Joice Soltosky Cunha – CRB 7 5946

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

_____ _____

Assinatura Data

Gustavo Henrique da Silva

Raça, gênero, sexualidade e interseccionalidade: a potência da bixa preta

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre. Área de concentração: Ciências Humanas e Saúde.

Aprovada em 30 de setembro de 2020.

Banca Examinadora: _____

Prof. Dr. Sérgio Luis Carrara (Orientador)
Instituto de Medicina Social - UERJ

_____

Profª. Drª. Laura Lowenkron
Instituto de Medicina Social - UERJ

_____

Profª. Drª. Silvia Aguião Rodrigues
Universidade Federal do Maranhão

_____

Prof. Dr. Horácio Sívori
Instituto de Medicina Social - UERJ

Rio de Janeiro
2020

Dedico este trabalho à minha mãe.

AGRADECIMENTOS

O processo de escrita de uma dissertação é muito solitário. Todas as incertezas e inseguranças encontram espaço para a todo momento nos fazer repensar sobre nossas potências. É uma alegria enorme poder contar com familiares, amigos e parceiros de caminhada.

Neste espaço para agradecimentos, primeiramente agradeço ao meu orixá, sem Logun Edé tenho certeza que não seria possível. Nos momentos difíceis, tenho certeza que sua energia vibrava para que eu nunca perdesse o brilho no olhar, a alegria de viver e a disposição para obter essa conquista.

Agradeço aos meus familiares, principalmente à minha irmã Kátia e meu irmão Eduardo. Sem o apoio deles, teria sido inviável a conclusão desse projeto.

Agradecendo ainda aos familiares, gostaria de agradecer à família Casa das Águas, minha família de axé, pessoas com que nos momentos de reclusão e dedicação ao sagrado sempre estão comigo e me desejando o melhor. À mãe Márcia de Oxoguian pelo cuidado e respeito enquanto zeladora de orixá e à minha mãe pequena Mayara que esteve comigo desde o processo de escrita do projeto para entrar no IMS.

Agradeço à minhas amigas Raquel e Thayene, com quem dividi a moradia durante este período. Nos momentos de preocupação sempre estiveram ao meu lado, com seu jeito alegre me fazendo sorrir para me distrair das dificuldades.

Preciso agradecer à minha mana Stallone, quem participou de muitos momentos durante todo o mestrado, esteve na minha qualificação e muito me apoiou no processo de finalização deste trabalho.

Um agradecimento mais que especial aos meus amores Ariana e Ueslei. Sem eles certamente o processo teria sido muito mais difícil e solitário. Ter a companhia deles nas aulas e principalmente em outros momentos da vida sempre me renovou, me fez sentir querido e principalmente capaz. Estar com eles é a certeza de que estarei bem.

Agradeço às minhas amigas Ana, Thayná, Tainara, Elena, Leilane, Maria, Ohanna e Thaís que sempre estavam dispostas, seja para irmos ao pagode para distrair, seja para fornecer alguma referência bibliográfica. Obrigado por nunca me

deixar esquecer que nós pretos unidos podemos nos cuidar, nos cobrar e principalmente nos fortalecer.

Agradeço a todos os profissionais do IMS que sempre foram muito atenciosos e dispostos a me ajudar nas questões burocráticas da instituição. Agradeço muito aos professores que estiveram dispostos a compartilhar seu conhecimento e também aprender com os estudantes que compunham os espaços de aula. Um agradecimento especial ao meu orientador, professor Sergio Carrara que esteve comigo nas mudanças de temas, nas dificuldades dos encontros e principalmente na troca para produção deste material.

Agradeço à CAPES pelo financiamento desta pesquisa sem o qual não teria sido possível a conclusão do trabalho.

BIXA POBRE

Bixa, preta, pobre, vadia, degenerada
Sou o terror da família, a peste negra encarnada
Tô de boa do ciúme, que se foda o casamento
Sem herança ou propriedade
Vou pra comunidade construir um corpo livre
Sem normatividade
Com crianças e idosos em um pé de igualdade.

Anarkofunk

RESUMO

SILVA, Gustavo Henrique da. **Raça, gênero, sexualidade e interseccionalidade:** a potência da bixa preta. 2020. 77 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

Esta dissertação tomará como temática principal a categoria identitária *bixa preta*. Partindo dessa temática principal, levando em consideração a recente produção e ampliação da discussão nos campos políticos, acadêmicos e das artes, será realizado o levantamento de materiais bibliográficos levando em consideração os encontrados em torno da temática, bem como será pensada a amplitude dos espaços em que têm se desenvolvido recentemente a discussão desse tema. Na intenção de explicitar através da prática como a categoria identitária *bixa preta* se articula e se potencializa através da força coletiva na intenção de produzir organizações e rupturas, será apresentado também neste trabalho o coletivo “Bixa preta, e daí?!”. Este trabalho principalmente se apresenta como o registro de um coletivo que, ainda que atravessado por diversos marcadores sociais de diferenciação estigmatizantes e discriminados, cria caminhos para continuar produzindo e (re)existindo.

Palavras-chave: *Bixa preta*. Raça. Gênero. Homossexualidade. Interssecionidade.

ABSTRACT

SILVA, Gustavo Henrique da. **Race, gender, sexuality and intersectionality**: the bixa preta potency. 2020. 77 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

This dissertation will take as its main theme the identity category of the *bixa preta*. Starting from this main theme, taking into account the recent production and expansion of the discussion in the political, academic and arts fields, a survey of bibliographic materials will be carried out taking into account those found around the theme, as well as the breadth of the spaces in question that the discussion of this topic has been developed recently. With the intention of explaining through practice how the identity category of the black bixa articulates and is strengthened through the collective force in the intention of producing organizations and ruptures, the collective "Bixa preta, e daí?!" will also be presented in this work. This work mainly presents itself as the record of a collective that, although crossed by several stigmatizing and discriminated social markers of differentiation, creates ways to continue producing and (re)existing.

Keywords: *Bixa preta*. Race. Gender. Homosexuality. Intersectionality.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BDTD	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações
DST	Doença Sexualmente Transmissível
GGB	Grupo Gay da Bahia
GGAL	Grupo Gay de Alagoas
GGP	Grupo Gay de Pernambuco
LGBT	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transgêneros
MHB	Movimento HomossexuaL Brasileiro
MNU	Movimento Negro Unificado
PT	Partido dos Trabalhadores
PSTU	Partido Socialista de Trabalhadores Unificados
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	11
1	**HIPÓTESES**.....	17
1.1	**Perspectivas, Lugares e Tensionamentos**.....	18
1.2	**Por que marcar a diferença?**.....	24
1.3	**Qual o lugar da bixa-preta na estrutura social e na fila do arco íris?**.....	26
2	**FIGURAÇÕES DA *BIXA PRETA* NA MÍDIA, NAS ARTES, NA SAÚDE E NA POLÍTICA**.....	31
2.1	**Produções nas artes e na mídia**.....	35
2.2	**Homofobia, saúde e racismo**.....	39
2.3	**Aparições políticas**.....	47
3	**AS *BIXAS PRETAS* REUNIDAS**.....	55
3.1	**Bixa preta, e daí!? – Primeira edição**.....	56
3.2	**Bixa preta, e daí!? – Segunda edição**.....	58
3.3	**Bixa preta, e daí!? – Terceira edição**.....	59
3.4	**Bixa preta, e daí!? – Quarta**	60
3.5	**edição**.....	61
3.6	**Bixa preta, e daí!? – Quinta**	63
3.7	**edição**.....	63
3.8	**Bixa preta, e daí!? – Sexta**	64
3.9	**edição**.....	65
3.10	**Bixa preta, e daí!? – Sétima**	65
4	**edição**.....	67
	Bixa preta, e daí!? – Oitava	71
	edição.....	73
	Bixa preta, e daí!? – Nona edição.....	
	Bixa preta, e daí!? – Décima	

edição.....
MUITA BIXA JUNTA, SÓ PODIA DAR EM "BIXARIA".....
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....
REFERÊNCIAS.....

INTRODUÇÃO

A proposta de análise deste trabalho apresenta-se ainda como um campo em fase de descobertas para mim, iniciante pesquisador na área da saúde coletiva. Para contribuir com a análise da questão que se desenvolverá neste trabalho, trago meu arcabouço de conhecimentos provenientes da graduação em psicologia, realizada na Universidade Federal Fluminense, com conclusão no ano de 2017. Este processo de formação é que me permite discutir como a questão deste estudo emergiu. É preciso um retorno ao ano de 2016, quando, após uma seleção pública, fui aprovado para estagiar em um Centro Municipal de Saúde, no município do Rio de Janeiro. Neste estágio, foram a mim atribuídas atividades determinadas aos profissionais de psicologia que trabalham no Núcleo de Apoio à Saúde da Família (NASF)[1].

Comecei a atuar no grupo Terapia Comunitária, coordenado por mim, pela Dra. Joana Thiersen, psiquiatra da unidade, e por Wagner Silva, agente comunitário de saúde. Esta é uma modalidade de atividade e análise de grupos que desde 2008 compõe o quadro de Práticas Integrativas Complementares em Saúde do SUS. Foi desenvolvida pelo professor Adalberto Barreto (2005) e consiste na criação de um espaço coletivo de escuta, com a intenção de construir um diálogo horizontal, em que todas as falas e saberes tenham a sua importância reconhecida. A realização de grupos na organização da atenção básica, a partir das demandas dos locais em que as unidades se encontram, busca pôr em efetividade a integralização do cuidado. Este trabalho em atenção primária é uma alternativa para as práticas assistenciais, em que a relação entre usuários e unidades constrói um espaço para que se possa de maneira crítica e criativa abordar as demandas que surgem, estabelecendo uma produção contínua na relação entre comunidade e serviço, além de novas maneiras de lidar com o processo saúde/adoecimento. A aposta nesta modalidade de análise

[1] O Núcleo de Apoio à Saúde da Família consiste em um grupo multidisciplinar de profissionais da área da saúde (fisioterapeuta, educador físico, nutricionista, assistente social, psicólogo, farmacêutico, entre outros) responsável pelos atendimentos em uma unidade de saúde da atenção primária, que são as instituições que atendem as demandas do campo da saúde de baixa complexidade, com uma proposta de maior integração entre unidade de saúde e comunidade assistida. Suas predefinições de trabalho estão contidas nos Cadernos de Atenção Básica do SUS, estando dentre elas o atendimento através de interconsultas (consultas acompanhadas de outros profissionais da unidade), realização de visitas domiciliares e também a coordenação de grupos de pacientes na unidade de saúde.

de grupo permitia o surgimento de questões que por vezes não apareciam no acolhimento, na consulta individual ou na visita domiciliar.

No decorrer do acompanhamento das atividades desse grupo, pude perceber que dois discursos se apresentavam constantemente nos encontros. Um deles era referente às chamadas “questões estruturais” da comunidade (como saneamento básico), bem como relações com vizinhos e familiares. O outro era referente aos campos da sexualidade, principalmente assuntos relacionados a pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBT)[2] e à maneira pela qual este aspecto da sexualidade atravessava a vida das pessoas. Ao se apresentarem essas questões, comecei dedicar maior atenção a perceber a maneira com que essas discussões relacionadas a pessoas LGBT e os aspectos relacionados à saúde estavam presentes na unidade.

Nas intervenções pertinentes na condução dos grupos em que convocava para a discussão sobre a questão da liberdade de escolha de cada indivíduo, bem como sobre o respeito à diversidade sexual e de gênero, um assunto sempre era ressaltado como balizador para os posicionamentos dos participantes. Sempre emergia um discurso relacionado à certa moral religiosa e muitos participantes utilizavam passagens bíblicas e afirmações imperativas proferidas em suas igrejas para fundamentar posicionamentos conservadores. A partir daí, senti necessidade de me aproximar mais dessa questão. Busquei então as determinações que o Sistema Único de Saúde (SUS) já pudesse ter desenvolvido sobre a temática, encontrando assim a *Política Nacional de Atenção Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais* (Brasil,2013).

As inquietações surgidas do encontro das demandas do serviço em atenção primária juntamente com o aprofundamento nos estudos sobre políticas de saúde inspiraram a me qualificar melhor para as discussões neste campo. Ao término do período de trabalho na unidade de saúde, iniciei minha preparação para o processo seletivo para o mestrado em Saúde Coletiva do Instituto de Medicina Social. Após aprovação neste processo, encontrei-me com as diversas possibilidades de estudos e problematizações proporcionadas por este campo, dentre elas, concentrei-me no na temática relativa ao gênero e à sexualidade.

[2] A formulação e organização da sigla foi estabelecida a partir da 1ª Conferência Nacional de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais ocorrida em Brasília no período de 05 a 08 de junho de 2008.

Na trajetória de construção desse projeto, destaco a importância dos estudos, discussões e estímulos proporcionados pelo mestrado em Saúde Coletiva do Instituto de Medicina Social (IMS), principalmente as realizadas na disciplina "Interseccionalidade: (re)articulando diferenças e desigualdades", ministrada pelas professoras Laura Lowenkron[3] e Camila Fernandes[4]. O curso realizado durante o segundo semestre do ano de 2018, em que a categoria analítica *interseccionalidade* foi o tema central, mudou os rumos de meu trabalho. Ao longo dos encontros, pude avaliar de outras perspectivas as experiências já vividas por mim, bem como pensar novas trajetórias de trabalho. Antes de entrar em contato com a disciplina, meu projeto propunha uma análise sobre o conceito de *população* adotado pela Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. Porém, estudando seu processo de constituição como política pública, resultado de um ativismo intenso e de grandes embates, pude perceber os efeitos resultantes na transformação de reivindicações e demandas individuais em uma política para uma população e para todos[5]. Como resultado, nesta primeira análise, percebi que algo além me implicava e que o fator motivacional para a continuidade de meu trabalho vinha assumindo um novo direcionamento.

Após os estudos realizados na disciplina, pude compreender que, mesmo que a Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais fosse apresentada como resultado da ação dos movimentos sociais, como uma grande vitória para o campo da saúde após diversos embates políticos, ainda assim era necessário avançar na discussão. Através das conversas com as/os participantes da disciplina, olhando agora para este campo a partir de outra lente analítica, a da *interseccionalidade*, pude atentar para os não-ditos na política.

Pensando em efeitos de políticas públicas, Mello & Gonçalves (2010) ressaltam a *interseccionalidade* como ferramenta de análise para as políticas estabelecidas pelo Ministério da Saúde e consequentemente aplicadas no Sistema Único de Saúde (SUS). Para os autores, por mais que tenhamos instituídas políticas para a atenção à saúde da mulher, do homem ou à saúde LGBT, no mundo concreto estas políticas se apresentam como universalistas, no sentido de legislar para uma

[3] Doutora em antropologia social e professora adjunta do Instituto de Medicina Social/UERJ

[4] Doutora em antropologia social

[5] Na tese "Corpos que contam": uma etnografia da Política Nacional de Saúde Integral LGBT, Margareth Cristina de Almeida Gomes faz um interessante levantamento trazendo um panorama sobre as discussões realizadas no processo de constituição da Política Nacional de Saúde Integral da População LGBT.

comunidade homogênea, deixando escapar os atravessamentos singulares de alguns grupos. Os autores atentam principalmente para o fato de ficarem de fora dessas políticas os aspectos singulares, as diferenças que marcam cada sujeito, os pontos de intersecção de diferentes marcadores sociais de diferença.

Propus-me a pensar na articulação entre gênero, sexualidade e raça, por entender que esta última categoria pouco se apresenta de maneira transversal em diálogo com as duas anteriores. A partir de um levantamento realizado na Biblioteca Virtual em Saúde, utilizando como chaves de busca os descritores 'raça', 'sexualidade', 'gênero', 'homossexualidade' com o objetivo de encontrar dados sobre as políticas de saúde instituídas pelo SUS e políticas de Estado de uma forma geral, encontrei apenas no Programa Brasil Sem Homofobia (Brasil, 2004) um trecho em que se correlacionam racismo e homofobia, dispondo algumas diretrizes para o combate em conjunto de maneira transversal dessas opressões.

Ao passo que avançava nessas discussões academicamente, busquei participar mais ativamente das movimentações políticas em torno da temática. Foi então que encontrei através de um grupo no Facebook um coletivo de *bixas pretas.* Em 2018 participei do coletivo "Bixa preta, e daí?!". O coletivo se propunha ser um espaço para a discussão de assuntos pertinentes à comunidade de *bixas pretas* e promovia encontros mensais, geralmente na região central da cidade do Rio de Janeiro. Nestes encontros, temáticas como racismo e homofobia eram transversais a todas as discussões pautadas. Temas como saúde mental e discussões sobre afetividades também se apresentavam constantemente. O espaço apresentava-se principalmente como um lugar de acolhimento exclusivo, feito por *e* para *bixas pretas*.

Diante da convergência entre minhas experiências cotidianas e minhas pesquisas acadêmicas, pude perceber que existia uma população que, mesmo formalmente contemplada nas políticas nacionais de saúde, ainda assim precisava ser discutida, ouvida e representada. Sem sair do eixo de discussão temático atravessado pelas questões de gênero e sexualidade, entendi ser preciso falar da *bixa preta*.

A emergência da categoria identitária *bixa preta* é recente e acontece na chamada "cena cultural" das grandes cidades brasileiras. Um de seus momentos de maior visibilidade aconteceu no dia 30 de setembro de 2016, quando foi publicado no Youtube o vídeo da performance da cantora Mc Linn da Quebrada, junto com sua

parceira Jup do Bairro, interpretando a música “Bixa preta”. A letra tematiza essa figura, relacionando raça/cor/sexualidade/território (favela) e sanidade mental (loka/pervertida), nela aparece a figura da “bixistranha”, que interpela o “macho” (branco ou negro) que, diante dela, deve “sentar” e observar:

> Bixistranha, loka preta da favela
> quando ela tá passando todos riem da cara dela
> mas, se liga macho
> presta muita atenção
> senta e observa a tua destruição
>
> Que eu sou uma bixa loka preta favelada
> quicando eu vou passar
> ninguém mais vai dar risada
> e se tu for esperto, tu vai logo perceber
> que eu já não tô de brincadeira
> eu vou botar é pra fuder
>
> Que bixistranha, ensandecida
> arrombada, pervertida
> elas tomba, fecha, causa
> elas é muita lacração
> Mas daqui eu não estou te ouvindo boy
> eu vou descer até o chão
>
> Bixa pretra, tra tra tra
> bixa pretra, tra, tra tra tra
> bixa pretrarrrrrraaaaaaáahh!!!
>
> A minha pele preta, é meu manto de coragem
> impulsiona o movimento
> envaidece a viadagem
> vai desce, desce, desce...
> DESCE A VIADAGEM!!!
>
> Sempre borralheira com um quê de chinerella
> eu saio de salto alto
> maquiada na favela
> mas que pena, só agora viu que bela aberração?!
>
> É muito tarde, macho alfa,
> eu não sou pro teu bico, não. (Linn da Quebrada, 2017)

A letra traz a figura da “bixistranha, louca, preta da favela”, inaugurando o movimento de afirmação deste corpo preto que não corresponde às normas cisheteronormativas. Um corpo preto, afirmando sua identidade homossexual e afeminado, afirmando também o lugar da construção de um corpo dissidente nas

periferias. Na letra, a palavra bicha aparece grafada com “x”, trazendo de uma forma mais popular a expressão que foi e ainda é utilizada de maneira pejorativa para violentar homens gays. Através da música, busca-se uma via para ressignificar esta expressão, que agora se apresenta como uma afirmação identitária potente. Um destaque extremamente importante para o caminho deste projeto diz sobre a nomenclatura que utilizarei para me referir ao homem (cis ou trans) homossexual negro[6], a *bixa preta*. Utilizar a primeira definição, já diz de uma figura enquadrada e representada por movimentos políticos, com uma produção acadêmica direcionada para tal discussão. A aposta na *bixa preta* diz sobre a análise de outra categoria identitária que tensiona padrões de gênero, raça, classe, inclusive o lugar social do *homem homossexual negro*.

Em uma entrevista recente[7], Mc Linn da Quebrada declarou que, com a criação da música *Bixa Preta,* ela buscava se encontrar e fazer com que outras pessoas também pudessem se reconhecer em suas palavras, abrindo a possibilidade de afirmar suas identidades. Nesse processo, um novo campo de produções começou a se estruturar em torno da identidade *bixa preta,* surgindo coletivos, páginas em redes sociais e festas, cujas temáticas afirmam uma cultura negra e LGBT.

No âmbito da crescente produção no campo das artes ou das produções acadêmicas nas temáticas sobre gênero, raça e sexualidade, a figura da *bixa preta* será o tema da discussão deste trabalho. A proposta é pensar o lugar social do *homem homossexual negro* a partir das produções acadêmicas e principalmente dos processos históricos de constituição deste corpo contra-hegemônico, que se afirma também como uma identidade, como categoria analítica e política. Do meu ponto de vista, trata-se de um corpo contra-hegemônico no sentido de tensionar os padrões sociais instituídos em torno do homem branco heterossexual, mas também do homem negro heterossexual, colocando em discussão os atravessamentos teóricos que os compõem, bem como as ressignificações e tensões que se apresentam. Ainda inspirado na letra de “Bixa Preta”, quando diz “a minha pele preta, é meu

[6] Será utilizada neste trabalho também a categoria *homem homossexual negro* como referência à *bixa preta.* Porém, as entendo como categorias distintas, que assumem certa proximidade no campo de pesquisa, pois ambas tensionam os padrões ocidentais branco-cisheterosexuais. Como a expressão *bixa preta* se apresenta como categoria identitária muito recentemente, utilizar a *homossexualidade masculina negra* permitirá também que o acesso a materiais de pesquisa seja mais amplo e auxilie no processo de estruturação deste trabalho.

[7] A entrevista pode ser acessada em https://www.youtube.com/watch?v=t0hjZOd8qR0.

manto de coragem. Impulsiona o movimento, envaidece a viadagem", este trabalho buscará também pensar nas potências que se apresentam nessa tensão instituída pela categoria *bixa preta*.

HIPÓTESES

Analisar a identidade da *bixa preta* exige que se coloquem em pauta as categorias que esta identidade tensiona. O *homem negro,* supostamente heterossexual, tem sido historicamente compreendido em nosso país, principalmente a partir do século XIX, como exemplar de virilidade, porém no sentido retomado à animalidade, numa visão do corpo-objeto, aquele que servia para o trabalho pesado e para a reprodução. No processo de escravização do negro no Brasil, acompanhado pelos avanços científicos da época, características físicas como os corpos fortes, músculos definidos, pele sem marcas, eram importantes para a definição de um bom escravo. Santos (2014) demonstra que na segunda metade do século XIX, houve uma movimentação por parte dos cientistas em torno da questão da hipersexualização do corpo negro e principalmente diante das proporções corporais, principalmente da genitália, com o objetivo de questionar a posição daqueles corpos diante das sociedades ocidentais. Como ressalta Carrara (2004), no período entre as décadas de 20 e 30 do século XX, a temática da degenerescência sexual brasileira estava em discussão pelas autoridades científicas da época. Esta condição de degenerado sexual era inicialmente definida como uma característica inerente aos negros e aos indígenas. E a percepção do homem negro sexualmente degenerado permaneceu no campo das representações sociais.

A hipótese mais geral desse trabalho é a de que a figura da *bixa preta* apresenta-se como uma manifestação de embate e tensão entre esses estereótipos, encontrando-se numa posição em que coloca em jogo e desestabiliza não só as posições binárias de gênero (masculino/feminino), mas também de sexualidade (hetero/homossexual) e raça (negro/branco). Questiona os padrões de "macho" viril imposto ao homem negro e, enquanto ponto de articulação de organização política, coloca em discussão o racismo existente no âmbito do chamado movimento LGBT.

No primeiro capítulo deste trabalho, partindo de uma revisão bibliográfica realizada junto à Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações da

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e à base de dados Scielo, busco compreender como a categoria identitária da *bixa preta* tem sido pensada através de um panorama interseccional, considerando alguns atravessamentos de gênero, raça e sexualidade. O primeiro capítulo também será importante para mapear quais contextos acadêmicos têm trabalhado com a temática da *bixa preta* e, no plano mais geral da homossexualidade masculina negra, de que forma têm-se produzido sobre esta temática. No segundo capítulo, me proponho pensar algumas figurações da *bixa preta*, entendendo que esta identificação atravessa alguns eixos, como cultura, artes, saúde e política. No terceiro capítulo será apresentado o grupo “Bixa preta, e daí?!”, os encontros realizados e uma discussão sobre as potencialidades surgidas a partir do coletivo.

1.1 **Perspectivas, Lugares e Tensionamentos**

A emergência da *bixa preta* enquanto categoria social ainda é muito recente. Com isso, o material produzido no campo das produções acadêmicas acerca dela ainda não é extenso. Como é uma análise que diz sobre uma categoria social que tensiona diversas outras e apresenta demandas específicas, torna-se necessário um aprofundamento na temática. Para a construção deste capítulo, através de uma revisão de produções acadêmicas procurei avaliar de que forma esta temática vem sendo abordada, o que geralmente se busca com essas pesquisas e o que se diz sobre essas pessoas. Para este trabalho, o lançamento da música *Bixa Preta* no ano 2016 é um marco, sendo o disparador de outras discussões sobre a temática. Com isso, o material pesquisado compreende-se principalmente a partir deste ano, de 2016 a 2020. Alguns trabalhos foram desse período foram considerados pois se aproximam bastante da temática definida para a pesquisa. Para análise inicial do material foi realizada a leitura do título, das palavras chave e dos resumos, buscando assim restringir para análise apenas os materiais que estabelecessem e tomassem como tema central a questão da *bixa preta*, as intersecções entre gênero, raça e sexualidade, ainda que com alguma nomenclatura diferenciada, trouxesse para a discussão as minúcias que essa categoria apresenta e os potenciais que apresenta. A pesquisa foi realizada na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, utilizando como palavras de pesquisa: *bixa preta, bicha preta, homossexualidade,*

raça, interseccionalidade, gay negro. Dos resultados encontrados, nove trabalhos de fato contemplavam a discussão sobre as questões de raça, gênero e sexualidade. Esta plataforma foi escolhida na intenção de capturar com as buscas as produções acadêmicas mais recentes sobre o debate. Também foram realizadas buscas na base de dados SCIELO, considerando que este repositório de artigos é base para muitas produções, podendo assim fornecer maiores resultados, utilizando como palavras-chave as mesmas utilizadas na busa anerior: *bixa preta, bicha preta, homossexualidade, raça, interseccionalidade, gay negro.* De todos os trabalhos encontrados, apenas três artigos contemplam plenamente a discussão,tomando como enfoque as interseccionalidades que atravessam a categoria identitária da bixa preta, trazendo para discussão suas diferenciações e seus embates. Na tabela abaixo, seguem os resultados encontrados:

Tabela 1 - Resultados de revisão bibliográfica

TÍTULO	AUTOR	ANO	ÁREA DE CONCENTRAÇÃO	TIPO DE MATERIAL	PALAVRAS-CHAVE
Homossexualidades e negritudes: identidades e afetividades no entre-lugar	José Estevão Rocha Arantes	2008	Ciências sociais	Dissertação	identidades, interseccionalidades, questão racial, homossexualidades
Para não ser uma bicha da favela: uma etnografia sobre corpo, sexualidade e distinção social	Maycon Lopes VillaniI	2015	Ciências sociais	Dissertação	corpo; gênero; sexualidade; classe
Cidades e subjetividades homossexuais: cruzando marcadores	Ramon Pereira dos Reis	2017	Antropologia	Tese	Espaço rbano, periferia, homossexualidade,

da diferença em bares nas “periferias” de São Paulo e Belém					segregação socioespacial
Diamantes negros sob um arco-íris multicolorido: as identidades negras-gay na poesia de Thomas Grimes	Fernando Luís de Morais	2019	Letras	Dissertação	Identidade de raça/etnia e gênero. Analítica queer/quare. Interseccionalidade. Thomas Grimes.
As diferenças na diferença: hierarquias e intersecções de geração gênero, classe, raça e corporalidade em bares e boates GLS de Florianópolis, SC.	Carlos Eduardo Henning	2008	Antropologia	Dissertação	Homoerotismo, Configurações Hierárquicas, Bares e Boates GLS, Territórios Urbanos, Sociabilidades
Penalidade e privilégio: a falsa representação dos homens negros homossexuais	Ana Carolina Welligton Costa Gomes	2015	Direito	Dissertação	Interseccionalidade, raça, homosexualidade, Nancy Fraser, falsa representação
Marcas do desejo: um estudo sobre os critérios de “raça” na seleção de parceiros em	Keith Diego Kurashige	2014	Sociologia	Dissertação	Homossexualiades, masulinidades,mídias digitais, racialização

relações homoeróticas masculinas criadas online na cidade de São Carlos					
Que gay sou eu? Interseccionalidades em praias gays do Rio de Janeiro	Alexandre Gaspari	2015	Ciências Sociais	Dissertação	Homossexualidade, Corporeidade, Masculinidade
Tá rindo de quem? O negro e o gay como motivos de piadas	Maria Teresa de Arruda Campos	2013	Educação	Tese	Piada, humor, racismo, violência, microfascismo
Ordens de indexicalidade mobilizadas nas performances discursivas de um garoto de programa:ser negro e homoerótico	Glenda Cristina Valim de Melo e Luiz Paulo da Moita Lopes	2014	Letras	Artigo	Raça. Ordens de indexicalidade. Performances discursivas. Teorias queer. Web
Race Fucker: representações raciais na pornografia gay	Osmundo Pinho	2012	Antropologia	Artigo	Pornografia, Raça, Gay, Branquidade, Brasilidade, Internet
Jeitos de corpo: cor/raça, gênero, sexualidade e sociabilidade juvenil no centro de São Paulo	Júlio Assis Simões, Isadora Lins França e Marcio Macedo	2010	Antropologia	Artigo	Diferença, Cor/Raça, Gênero, Sexualidade, Estilo

Fonte: O autor, 2021.

Das teses, dissertações e artigos analisadas todas abordam a questão da homossexualidade masculina negra sempre pelo mesmo viés dos marcadores sociais da diferença, sobre o ser negro e homossexual e como isso implica nas relações desses sujeitos com a sociedade, nos relacionamentos e nas relações interpessoais de um modo geral. Ser negro e homossexual caregaria uma pré definição tanto dos papeis sexuais, quanto uma diferenciação de tratamento nos lugares frequentados.

O material revisado traz a tona sempre uma quebre de expectativa corelação ao corpo negro e homossexual, uma ambiguidaade que se instala entre as não correspondencias de a heterrosexulidade compulsória imputada ao negro e este que não reponde também as demandas do que seria um padrão do corpo homossexual.

A partir da perspectiva analítica da interseccionalidade, buscarei ferramentas para a análise dessa identidade que se forja no entre-lugar, no embate e na auto-afirmação.

Para sustentar a discussão proposta, percorro alguns caminhos, como o de pensar a maneira pela qual as discussões sobre a relação sexo-gênero se estabelecem. Evoco as contribuições de Butler (2003), em seu livro *Problemas de Gênero,* para suscitar a discussão a respeito da construção, idealização da categoria gênero, atentando principalmente para as relações entre as categorias sexo, gênero e desejo. Entendo como interessante a crítica à compreensão dessas categorias como estáticas, deixando de avaliar também as condições sociais que tornaram possíveis suas formulações e validações enquanto categorias. Butler afirma que sexo, gênero e desejo são categorias relacionais, produtos de uma construção social. Para lidar com esta construção, na ideia de subverter as imposições colocadas por estas categorias, ela sugere a ideia de abertura de sentido para lidar com essas construções, estabelecendo uma proposta de repensar outras formas de construção para as relações entre sexo, gênero e desejo.

A partir de minha leitura, compreendo que o objetivo proposto é o de romper com os processos de opressão que se instalam na reificação dessas categorias identitárias, dadas a priori e mantenedoras de uma subjugação ao poder. Nesse sentido, Butler sugere como uma possibilidade de rompimento dessa lógica os próprios processos de reinvenção dos corpos, do gênero. Isso se torna possível ao

entender o gênero como uma categoria discursiva, podendo estar continuamente em reformulação. Nesse sentido, a autora nos fornece tanto instrumentos para uma leitura dessas categorias estruturadas e estruturantes, bem como possibilidades para insurgências e desconstruções.

A partir desse processo, Butler busca um diálogo com Foucault, traçando uma análise interessante com relação aos sistemas de poder que são estabelecidos a partir da heterocisnormatividade; nesse caso, também enquadrando os discursos que se inscrevem nesse processo, seja o do sexo sobre o gênero, do gênero sobre o desejo, e das interações sociais produzidas e produtoras sobre esses discursos. Esses sistemas de poder apresentam-se atravessados por diversos outros aspectos referentes aos sujeitos que uma análise a partir de uma perspectiva interseccional nos permite compreender melhor.

Pensando essa relação sexo/gênero como dispositivos de poder, cabe convocar para a discussão as contribuições de Preciado (2011). O filósofo endossa a discussão de um movimento que se apresenta como uma ruptura dessa lógica de disputas binárias de poder a partir da proposta da teoria *queer*:

> O corpo não é um dado passivo sobre o qual age o biopoder, mas antes a potência mesma que torna possível a incorporação prostética dos gêneros. A sexopolítica torna-se não somente um lugar de poder, mas, sobretudo, o espaço de uma criação na qual se sucedem e se justapõem os movimentos feministas, homossexuais, transexuais, intersexuais, transgêneros, chicanas, pós-coloniais... As minorias sexuais tornam-se multidões. O monstro sexual que tem por nome multidão torna-se queer (PRECIADO, 2011).
>
> .

Para a teoria *queer*, a necessidade de embate é constante, no sentido de sempre buscar um rompimento com as padronizações que são facilmente cooptadas pelos sistemas de poder. A aposta é sempre nos movimentos de politização das identidades contra-hegemônicas, buscando sempre a reformulação de ações políticas, modificações relacionadas à normas vigentes e padrões estabelecidos, sejam raciais, sexuais, econômicos. A questão está para além de uma simples afirmação identitária, mas sim da afirmação de uma identidade política questionadora. Pensar sob a égide da teoria *queer* não significa que deixaremos de considerar as estruturas e panoramas sociais existentes, mas sinaliza que se a proposta de pensar a identidade da *bixa preta* considera esse cenário, vai além no questionamento das estruturas colocadas e dos paradigmas de raça, gênero,

sexualidade. A teoria *queer* sustenta a discussão de pensar na "política dos anormais", daqueles que para além do questionamento da norma, florescem na brecha, na ruptura.

Avançando um pouco mais no campo das discussões *queer*, acredito ser importante acionar a discussão sobre *Queer of Colour*[8]. Pensar uma teoria *queer* a partir do viés pós-colonial de ruptura também com os padrões eurocêntricos, permite que nos aproximemos da discussão da realidade dos contextos do Hemisfério Sul. Como pensar a teoria *queer* é pensar a construção de identidades e também de rupturas políticas, considerar os contextos de colonização, exploração e produção de conhecimento, condições essas que também fazem parte da constituição dos sujeitos a partir de outras óticas, de outras perspectivas sobre os processos fornece um material mais próximo das realidades.

Este foi o ponto de partida para pensar o lugar que a *bixa preta* ocupa nesse campo discursivo. Estas contribuições iniciais nos permitem compreender que há algo de importante na problematização sobre a categoria gênero, bem como na de sexualidade que incide como ponto de atravessamento desse corpo, que escapa das padronizações branco-heteronormativas, rompendo com os pressupostos relacionais diretivos entre sexo, gênero e desejo.

1.2 **Por que marcar a diferença?**

A ferramenta analítica que melhor poderia analisar a identidade da *bixa preta* seria a da intersecionalidade. Este conceito que se apresenta inicialmente a partir do campo de discussões dos feminismos negros fornece um olhar sobre os processos de composição e atravessamentos, permitindo uma análise mais completa e complexa do objeto de estudo. Adriana Piscitelli (2008) traz contribuições importantes para pensar como o próprio processo de construção desta categoria analítica se apresenta atravessado pelo contexto em que foi formulado e trabalhado. Esta forma de análise se tornou mais evidente no campo acadêmico a partir do trabalho na área do direito, desenvolvido por Kimberlé Crenshaw (1989), uma jurista norte-americana. Ela atenta para a construção de um olhar sobre os indivíduos e as

[8] Para mais informações ver Rea & Amancio (2018).

categorias sociais de maneira que toda sua amplitude seja abarcada pela análise. Crenshaw destaca principalmente as relações entre raça e gênero, porém esta sensibilidade analítica pode se estender para outros marcadores, como geração, classe social, sexualidade. A jurista apresenta a interseccionalidade como sendo um ponto de encontro entre as dinâmicas de raça, gênero, sexualidade, gerando um enquadramento em que aparentemente importam apenas as diferenças. Cho, Crenshaw & McCall (2013), a partir dos avanços nos estudos sobre a temática, avaliam os rumos desse campo de estudos e pensam sobre os novos contornos da categoria interseccionalidade, não mais a partir da analogia de um ponto de intersecção entre diferenças, mas a partir de uma dinâmica de diferenciação nas relações de poder.

Para desenvolver essa pesquisa tendo como principal identidade de análise a *bixa preta*, busquei nas contribuições de Avtar Brah (2006) instrumentos para pensar a que fatores estar atento nesses primeiros passos no desenvolvimento de uma perspectiva analítica interseccional. Levar em consideração as diferenças que fazem a diferença, em outras palavras, pensar que atributos são marcadores de individualidades ou de coletivos que precisamos levar em conta para realizar uma leitura não-essencialista.

Brah (2006) busca conduzir sua análise a partir do período pós-guerra na Grã-Bretanha, em que as discussões sobre a racialização do discurso feminista passam a ganhar força. No mesmo período, a categoria raça, também atuando como um marcador social, torna-se uma categoria a ser levada em consideração nas análises de gênero e de classe, diante de um contexto europeu em que a legislação vigente para as denominadas “pessoas de cor” era apenas uma atualização do código colonial das colônias britânicas, mantendo essas pessoas em lugares sociais subjugados. A autora disserta sobre como, frente a esta situação, as ideias que fervilhavam nos EUA a partir do Movimento *Black Power* atuaram como inspiração para um movimento também de fortalecimento dessa população no território britânico, só que de uma ordem diferente, pois as discussões tanto políticas, quanto identitárias eram outras.

As contribuições da autora neste trabalho indicam para os riscos da afirmação de uma identidade essencializada e apontam principalmente para a questão das diferenças a serem afirmadas em um movimento. Qual a diferença que de fato, faz a

diferença? Para este questionamento a autora ressalta que essas demarcações deveriam assinalar diferentes resultados ou estratégias políticas.

Dessa maneira, como um exemplo da perspectiva analítica proposta, Brah (2006) diz que as “estruturas de classe, racismo, gênero e sexualidade não podem ser tratadas como “variáveis independentes” porque a opressão de cada uma está inscrita dentro da outra – é constituída pela outra e é constitutiva dela.”

No encontro com a categoria analítica de interseccionalidade, compreendo que esta análise deve estar atenta às composições identitárias que serão abordadas, aos contextos sociais a que se relacionam, às produções que emergem nos cruzamentos das opressões, tanto nas perspectivas individuais, quanto na ideia de construção de coletividades, bem como outros aspectos marcadores da diferença, como as experiências, as relações sociais, as subjetividades e as identidades.

Baseado na análise realizada por Piscitelli (2008), em que traz um panorama de caminhos possíveis para se pensar a interseccionalidade, construí meu trabalho de pesquisa a partir da maior consideração dos aspectos relacionais das identidades sociais, bem como das relações possíveis com as estruturas de poder. A aposta nesse modo de análise condiz com a hipótese da condição de potência da *bixa preta*, consequentemente com sua capacidade de agência.

Realizar uma pesquisa em torno do sujeito *bixa preta* demanda todos os cuidados e minúcias sugeridas pela autora nesse sentido de marcação da diferenciação. Primeiramente cuidado com a demarcação dessa identidade, que é atravessada por diversos campos de relações sociais, constituída por experiências singulares mas também coletivas, com subjetividades que por mais fragilizadas que possam se apresentar, também são potências criativas e de resistência, marcando uma identidade que forja e é forjada por uma composição de discursos, que é consistente mas também múltipla. Uma das análises deste trabalho diz sobre este lugar identitário que interpela interseccionalmente a partir de suas marcas de sexualidade e de raça o *status quo* vigente. É pensar esta identidade na lógica de embate entre essa identidade e os discursos de uma heterossexualidade branca e normativa.

1.3 **Qual o lugar da bixa-preta na estrutura social e na fila do arco íris?**

Na expectativa de aprofundar minha análise sobre as relações entre raça, gênero e sexualidade, busquei nas contribuições de Frantz Fanon (2008) uma leitura que me auxiliasse a pensar e que fornecesse instrumentos para compreender algumas estruturas raciais e patriarcais que perduraram por um longo tempo de nossa história e que reverberam até hoje. Atentei para a discussão em que convoca para análise as relações entre "a mulher de cor e o branco", "o homem de cor e a branca". O autor analisa essas relações como estratégias de embranquecimento e tentativas de aceitação dos negros no mundo dos brancos através da união conjugal ou das relações sexuais. Porém em sua compreensão estas relações estão longe de qualquer modificação estrutural das estruturas racistas. Fanon nos faz atentar para os processos de auto ódio e de identificação que se colocam em jogo tanto para os homens, quanto para as mulheres negras; tanto pela questão estética, em sociedades racistas define-se o padrão de beleza branco como sendo aquele a ser alcançado, quanto pela questão material, pois, nestas mesmas sociedades, em que as relações raciais estão em disputa, estas características também atravessam as estruturas financeiras.

Seguindo a mesma linha de discussão, é possível acionar as contribuições de Laura Moutinho (2004). Dentre as muitas análises propostas pela autora, interessa-me sua reflexão sobre a hegemonia do homem branco e sobre a lógica patriarcal que atua como pano de fundo para as duas obras literárias analisadas por ela. Na primeira, a peça *Anjo Negro*[9], de Nelson Rodrigues, em que temos a tentativa de gerar descendentes brancos e a rejeição da condição de negro pelo personagem. Já na segunda, a obra *Desonra*[10], de J. M. Coetzee, a autora reflete sobre a posição de poder ocupada pelo homem negro ao ter um relacionamento com uma mulher branca. Repensando sobre estas estruturas de poder colocadas nas relações entre

[9] Escrita em 1946, a peça "Anjo Negro" de Nelson Rodrigues é baseada nas questões raciais e sexuais, problemas presentes na sociedade, mas pouco abordados naquela época. A obra se dá em torno das relações amorosas entre um homem negro, seu irmão branco e sua esposa branca, permeada por conflitos raciais e violências.

[10] Lançado em 1999, o livro conta a história de um homem acusado de abuso, que é expulso da universidade em que é professor e viaja para passar uns dias na propriedade rural da filha. No campo, esse homem atormentado toma contato com a brutalidade e o ressentimento da África do Sul pós-apartheid. Desonra investiga as relações entre as classes, os sexos, as raças, tratando dos choques entre um passado de exploração e um presente de acerto de contas, entre uma cultura humanista e uma situação social explosiva.

homens brancos e mulheres negras ou entre homens negros e mulheres brancas, o texto contribui para o questionamento de quais as convenções de gênero e sexualidade cercam homens brancos e negros em relações heterossexuais. Questiono-me que lugar ocupa o homem negro homossexual nessa relação em que os padrões a serem alcançados são os cis-heteronormativos? Que tensões este lugar produz?

A autora apresenta uma leitura de obras literárias que se desenrolam em torno de relacionamentos inter-raciais no Brasil e na África do Sul. A escolha destas obras se dá tendo por princípio que produções literárias e teatrais apresentam-se também como registro das relações sociais da época que circunscrevem.

Seguindo a mesma discussão sobre análises literárias e como estas refletem e impactam as relações sociais, podemos trabalhar sobre a obra *Bom Crioulo*[11] de Adolfo Caminha. O livro lançado no ano de 1895 é considerado o primeiro romance de cunho homossexual brasileiro e para além da questão da homossexualidade, Arosa (2017) salienta que ao tratar da relação entre um homem negro e um homem branco gerou grande repercussão à época. Pereira & Moreira (2014) avançam ainda mais na discussão voltando os olhares para uma sociedade ainda no auge do cientificismo racista e da superioridade branca teve de se haver com um trabalho em que o homem branco era submisso sexualmente a um homem negro. A obra de fim trágico é um bom exemplo de como as relações de sexualidade e gênero eram abordadas naquele momento.

A leitura realizada sobre o contexto brasileiro demonstra a busca do embranquecimento social[12]. É interessante que a obra escolhida para a análise por Moutinho (2004) apresenta certa inversão da lógica do senso-comum segundo a qual o homem branco, na maioria das vezes casado com uma mulher também branca, busca uma mulher negra como objeto de desejo. No texto analisado, apresenta-se uma relação entre um homem negro e uma mulher branca e discutem-

[11] O livro conta a história de Amaro, um escravo que foge da fazenda onde é subjugado e vai trabalhar na Marinha Brasileira, onde se apaixona por um de seus colegas de ofício, o jovem branco Aleixo. A relação é atravessada por todas as questões relacionadas à sexualidade e a raça tão conservadoras à época.

[12] O embranquecimento da sociedade como um movimento político tem seu ápice com a ascensão e desenvolvimento do movimento eugênico no país. Nancy Stepan (2004) descreve bem este movimento organizado pela elite científica brasileira no pós–Primeira Guerra, baseado nos propósitos darwinistas e no padrão científico e social europeu. Nesta movimentação política, esperava-se que a aproximação aos parâmetros sociais, raciais e morais europeus fosse a solução para os problemas da sociedade brasileira. As teorias racistas ganham grande expressão neste período.

se os efeitos dessa relação tanto no nível subjetivo quanto nas relações sociais que marcam o contexto em que o drama se desenvolve.

Gênero, raça e classe são aspectos levados em consideração integralmente quando pensamos nos atravessamentos sobre vulnerabilidade, segurança, violência e opressão. Quando pensamos em relações heterossexuais, sejam intra ou inter raciais, podemos pensar em uma configuração de mundo que se apresenta para tal. Ainda que atravessado pelas questões do racismo, algo ainda se enquadra nas normas sociais da heterossexualidade predominante. Quando o que está em jogo é uma identidade ou relacionamento homossexual, sendo estes brancos, algo da estrutura da raça ainda faz com que tais sujeitos ocupem um lugar diferenciado. Agora quando falamos de identidades e relações homossexuais negras, por mais que estas ocupem um mesmo lugar no atravessamento da sexualidade, a questão da raça desloca estes sujeitos para outro lugar de poder, mais vulnerável. Essa disputa é o que Pinho (2004) categoriza de “a guerra dos mundos homossexuais”, dado que na relação entre brancos e negros homossexuais existe uma disputa de poder calcada em aportes racistas.

Levando a questão para uma dimensão mais macropolítica, acredito ser importante pensar também a questão diante da aparente unidade de um movimento de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais como uma política governamental, levanto o questionamento: estaria a *bixa preta* contemplada nessas discussões? Para isso, recorro ao texto de Sílvia Aguião (2016) que reflete sobre os rearranjos políticos e as disputas internas do movimento LGBT.

A autora evoca o conceito de Benedict Anderson de *coletividade imaginada* para entender a criação de um “nós LGBT” para efeitos de uma política governamental, ao mesmo tempo em que relata cenas de assembleias plenárias, em que indivíduos se posicionam a partir de seus marcadores sociais da diferença e assim afirmam seus posicionamentos na prerrogativa de alcançar uma política de Estado. Foi interessante perceber que, na construção do texto e no relato dos casos analisados pela autora, produtos de sua incursão etnográfica, o marcador social de raça é sempre evocado para designar uma pessoa identificada como negra. Destaco a importância deste fato, pois ela demonstra que a raça atua como uma

diferenciação na maneira como falas de pessoas negras são ouvidas e quais são seus efeitos.

Como espaço indispensável de discussão para tais efetivações políticas, as plenárias são destacadas pela própria autora como um espaço com uma dinâmica específica e privilegiada, com comportamentos, expressões particulares. Nessa situação, compreendo a denominação do espaço como privilegiado e potente, mas também como um lugar que apenas os que têm privilégios podem acessar. Apostei neste caminho de discussões, pois ele fornece informações muito interessantes quanto à criação de um campo de disputas, mas também desvelando aqueles que disputam esse espaço e o que buscam representar.

Lucas Veiga (2018) privilegia em suas análises o lugar que ocupa a *bixa preta* nas relações sociais brasileiras. Ele chama a atenção para o duplo processo de diáspora que esses sujeitos são submetidos. O primeiro enquanto pessoas pretas, entendidos como descendentes de africanos em diáspora no Brasil; o segundo vinculado à não correspondência ao imperativo da heterossexualidade compulsória que permeia as relações sociais. Esse duplo processo de diáspora são marcadores sociais que atravessam social e subjetivamente esses sujeitos, os situando em um lugar diferente daquele ocupado pelos homossexuais não-negros.

2 **FIGURAÇÕES DA *BIXA PRETA* NA MÍDIA, NAS ARTES, NA SAÚDE E NA POLÍTICA**

Considero importante para a trajetória deste trabalho relembrar também personalidades da história que se afirmaram enquanto homossexuais negros e que tieram grande projeção midiática e também acabaram por construir um legado de lutas e representação. Para discutir pautas como homossexualidade e raça é preciso fazer presente as figuras de Madame Satã e Jorge Lafond, com sua a eterna personagem Vera Verão.

João Francisco dos Santos, um pernambucano nascido no ano de 1900 que chega ao Rio de Janeiro, mais precisamente ao bairro da Lapa, no ano de 1907 se tornaria anos depois no ícone mais expressivo da malandragem carioca sob o

codinome de Madame Satan. Em uma entrevista dada ao jornal *O Pasquim* no dia 05/05/1971[13], Satã (como era chamado pelos amigos próximos) relembra alguns momentos marcantes de sua vida, principalmente aspectos relacionados com as injustiças e violências sofridas por conta de embates com a polícia e também sobre as violências sofridas por conta de sua sexualidade, que não parecia ser para ele um problema, pois, como disse e ao ser questionado sobre ser homossexual: “Sempre fui, sou e serei!”.

O comportamento de Madame Satã, entendido como subversivo à época, dada sua condição de não possuir emprego formal e frequentar lugares como bares e bordéis da Lapa, era enquadrado no artigo 59 do Código Penal, que refere-se ao tipo penal de “vadiagem” (BRASIL,1941). Neste artigo da Lei de Contravenções penais, é considerado crime a ociosidade do cidadão e a falta da busca de meios de obtenção de renda. A figura da malandragem, da qual Satã foi exemplar, pode ser analisada através de dois aspectos. Sob a luz moral refere-se a um contraventor, inimigo da moral e dos bons costumes, já pela ótica de seus pares, é uma figura de força, de luta por sobrevivência enfrentando as contingências da vida.

Ainda hoje em muitas casas de umbanda[14], são tocadas cantigas para saudar essa energia de resistência, alegria e criatividade para sobreviver. Ao contrário do senso comum de que o malandro é uma figura negativa, podemos perceber nas músicas populares a importância do malandro para a comunidade, como na canção “Malandro é malandro e mané é mané” de Bezerra da Silva:

Malandro é malandro mesmo
Malandro é malandro mesmo
Malandro é malandro mesmo
E o otário é otário mesmo

O malandro de primeira
Sempre foi considerado
Em qualquer bocada que ele chega
Ele é muito bem chegado
E quando tá caído não reclama
Sofre calado e não chora
Não bota culpa em ninguém
E nem joga conversa fora

Quem fala mal do malandro

[13] A entrevista pode ser acessada na íntegra em https://www.tirodeletra.com.br/entrevistas/MadameSata.htm

[14] A umbanda é uma religião afro-brasileira fundada no município de São Gonçalo/RJ no dia 15 de novembro de 1908.

Só pode ser por ciúme ou despeito
Malandro é um cara bacana
Homem de moral e de respeito
O defeito do malandro
É gostar de dinheiro, amizade e mulher
Malandro tem cabeça feita
Malandro sabe o que quer

Quando o bom malandro é rife
Comanda bonito a sua transação
Não faz covardia com os trabalhadores
E àqueles mais pobres ele dá leite e pão
Quando pinta um safado no seu morro
Assaltando operário botando pra frente
Ele mesmo arrepia o tremendo canalha
E depois enterra como indigente. (Bezerra da Silva, 2000)

Na cantiga de umbanda também é possível conhecer esta outra face do malandro:

Malandro, malandro
Boêmio da madrugada
Vem na linha das almas
E também na encruzilhada

Meu amigo é malandro
Que nasceu lá no sertão
Enfrentou a boemia
Com seresta e violão

Hoje na lei de umbanda
Acredito no senhor
Defendeu filhos de fé
E tem fama de doutor

Com magias e mirongas
Dando forças ao terreiro
Saravá malandro
Meu amigo verdadeiro

Cantiga de umbanda

Assim como a figura de Madame Satã é lembrada por conta de sua relação com a malandragem, a sua afirmação enquanto homossexual também fez emergir diversos embates. Green (2003) aponta como a expressão mais feminilizada de Satã entrava em contraste com sua figura combativa inaugurando o status da “bicha viril”. Era esperado de Satã uma posição submissa por sua condição de negro, pobre e homossexual, mas não era isso que se apresentava. A bicha em questão apresentava uma extensa ficha criminal decorrente de suas condenações, somando todas as suas penas chegou a passar mais de vinte e sete anos preso, sobretudo

pelo crime de agressão corporal, muitas delas contra policiais. Em decorrência de sua postura, Madame Satã era uma bicha muito respeitada.

A figura de Jorge Francisco dos Santos se tornou tema inclusive de uma produção cinematográfica. “Madame Satã” (2002) foi dirigido pelo cineasta Karim Aïnouz e mostra momentos da vida do personagem antes de ganhar o distinto nome. A produção mostra os impasses que João passou em sua vida, como os conflitos com a polícia, alguns casos de amor, mas principalmente seu desejo de se expressar através do teatro. Segundo os registros de Paezzo (1972), o nome “Madame Satã” surge após o desfile de João em um concurso de carnaval no bloco carnavalesco Caçadores de Veados, em que a fantasia usado por ele seria associada à figura de uma atriz norte-americana que protagonizou um filme com título em português de Madame Satã. Depois desse episódio, o nome teria sido associado à figura de João que o usava para suas apresentações artísticas.

A outra figura de grande importância nesse histórico de afirmação da identidade homossexual negra é a personagem Vera Verão, vivida brilhantemente por Jorge Lafond.

Jorge Luís Souza de Lima, através do nome artístico de Jorge Lafond nasceu no Rio de Janeiro no dia 29 de março de 1952. A figura artística do irreverente bailarino e ator ocupou alguns espaços na grande mídia, tendo tido participações em programas de grandes emissoras televisivas. Em uma importante entrevista para a revista Raça[15], Lafond conta momentos de sua vida e principalmente a relação com sua homossexualidade, da qual, aos seis anos de idade, teria tomado conhecimento a partir do julgamento de seus familiares.

A personagem que consagrou Lafond na televisão foi a performática Vera Verão, no programa *A Praça é Nossa,* da emissora Sistema Brasileiro de Televisão (SBT). A personagem sempre se apresentava com vestidos exuberantes e saltos muito altos, chamando grande atenção. O teor humorístico da personagem estava nas piadas com os integrantes de cena, quase sempre envolvendo algum homem tido como galã na época. A reviravolta do quadro se dava quando a personagem era chamada de *bicha*, ao que logo bradava: “Êêêêêpa, bicha não!”. Depois disso, a personagem sempre se comparava a alguma personalidade feminina.

[15] Revista Raça, ano IV volume 34.

Vera Verão certamente é uma figura presente na memória do homem homossexual negro que viveu a década de 1990, pois foi uma grande referência midiática. A personagem teve tão grande expressão que, no ano de 2001, foi convidada para estrelar uma campanha do Ministério da Saúde sobre a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis. A campanha gerou um conflito entre Lafond, o GGB e o Quimbanda Dudu, pois os coletivos não aceitaram a associação da figura de um homossexual negro à campanha contra DSTs. Esse episódio foi apenas mais um na relação conflituosa entre Lafond e os coletivos homossexuais.

A figura controversa de Vera Verão suscita para a discussão uma temática abordada por MacRae (2018) colocando em questão a divisão entre as então chamadas *bichas loucas* e os respeitáveis militantes homossexuais. Vera Verão apresentava uma performance escrachada, exagerada, com a feminilidade exacerbada e, ainda assim, era vista como um ícone para algumas pessoas. Para a militância de então a personagem não deveria ser valorizada porque reforçava um estereótipo negativo sobre a homossexualidade. A ambiguidade na avaliação da personagem ainda hoje reverbera nas discussões entre quais representatividades devem ser eleitas e mostradas, indicando assim a potência dessa figura em causar estes deslocamentos.

Trazer estes movimentos e essas figuras importantes nos ajuda a pensar nesse processo de construção de um caminho, das importâncias individuais e coletivas. O espaço construído por essas figuras homossexuais negras e por estes movimentos de negros homossexuais pavimentaram uma estrada para que outras pessoas pudessem se inspirar e também contribuir para o avanço nas discussões e representações.

2.1 **Produções nas artes e na mídia**

Buscando materiais para esta pesquisa, recorri a produções que não estão registradas em bases de dados acadêmicos e que são oriundas do campo do jornalismo, acionando assim um discurso mais acessível, mas não por isso são menos importante, direcionado para a população em geral, apresentando um conteúdo que compõe o discurso público. Nesse processo de revisão sobre a

temática utilizando como palavra chave "*bixa preta*", foi possível encontrar um portal *online* contendo numerosas produções jornalísticas que contemplavam esta temática. Compondo então outro método de aprofundamento da questão, buscarei a análise do discurso que temos hoje sobre a produção com a temática da *bixa preta*, levando em consideração principalmente as publicações realizadas em um portal virtual. Nesse processo de busca o Portal Geledés e o Portal Médium foram os repositórios encontrados com o maior registro de produções com a temática da *bixa preta*.

O Portal Geledés, uma página administrada pelo GELEDÉS - Instituto da Mulher Negra[16] se propõe a ser um portal centrado nas discussões referentes às lutas políticas de homens e mulheres negras e apresenta em suas produções materiais que contemplam a discussão sobre a *bixa preta*. Com isso, buscarei acessar quais discussões são evocadas em torno desta temática, o que e onde elas têm se construído. O Geledés é uma organização da sociedade civil que se posiciona em defesa de homens e mulheres negras por entender que esses dois segmentos sociais padecem de desvantagens e discriminações no acesso às oportunidades sociais em função do racismo e do sexismo vigentes na sociedade brasileira. O Instituto posiciona-se também contra todas as demais formas de discriminação que limitam a realização da plena cidadania, tais como: a lesbofobia, a homofobia, os preconceitos regionais, de credo, opinião e de classe social. Desta maneira, as questões raciais e de gênero são a sua principal pauta. O Instituto procura estar sempre presente na colaboração com os movimentos negros e feministas. O Portal GELEDÉS se apresenta como uma ferramenta de relação com o público e uma mostra pública das discussões, realizações, lutas e conquistas, bem como um espaço para a discussão pública sobre as temáticas importantes ao Instituto.

A partir de agora será apresentado o conteúdo e uma reflexão do que foi encontrado nas publicações de ambos os portais, entendendo o mote da questão e a sua importância no contexto contemporâneo.

[16] O GELEDÉS Instituto da Mulher Negra foi fundado em 30 de abril de 1988 e até a presente data tem desenvolvido inúmeras ações na defesa e na garantia de direitos das populações pretas brasileiras, entendendo a relação histórica que atravessa esta minoria e como as violências que estruturam a sociedade afetam tais pessoas, a exemplo do racismo, do machismo e da LGBTfobia.

No portal Geledés, as palavras utilizadas para a pesquisa foram: “bixa preta”, “bicha preta”, “bixa negra”, “bicha negra”, “homossexual negro”, “gay negro”, “homossexual preto” e “gay preto”. Tais palavras totalizaram 1541 publicações, sendo que um total de 77 se repetiam na busca em mais de uma palavra, logo apareciam 1464 no período de 2007 até o ano de 2020. É importante destacar que ao longo da pesquisa no portal, as publicações diversificaram as questões e algumas chegaram até a tratar de outras temáticas que não se conectam com o tema que estamos discutindo, pois nada falavam sobre as questões de raça e sexualidade, mas estavam presentes no portal quando buscadas por algum dos descritores, somando um total de 163, sendo todas descartadas. A tabela abaixo apresenta a quantidade de cada descritor em relação às publicações encontradas:

Tabela 2 - Resultados por descritores

Bixa preta	Bicha preta	Homossexual preto	Homossexual negro	Gay preto	Gay negro	Bicha negra	Bixa negra
6	58	99	310	862	119	74	13

Fonte: O autor, 2021.

A primeira observação em relação ao resultado desta busca é que termos como “gay preto”, “gay negro” ou “homossexual negro”, “homossexual preto” ganharam mais destaque nas discussões, visto que são mais utilizados pela academia e são termos mais formais, considerados menos vulgares e não ofensivos restando ao termo “*bixa*” ou “*bicha*” o lugar do xingamento, ou ainda, a pouca representatividade em relação a existência dos corpos que se identificam com esta terminologia.

Foi dada prioridade para aquelas publicações que focam a temática da *bixa preta,* somando 42, sobretudo as que faziam a intersecção entre sexualidade e raça, priorizando um espaço temporal dos últimos cinco anos, tendo em vista a grande

quantidade de publicações e também o objetivo deste trabalho de mestrado. Para facilitar a análise, foram criados dois principais eixos temáticos após a leitura, são eles: *Bixas Pretas* na Mídia e na Arte e Racismo e Homofobia. O primeiro eixo apresenta algumas personalidades que se destacaram nos últimos anos no cenário nacional, *bixas* que colocam em evidência o corpo e a composição histórica e política possuem. Dentre elas podemos destacar Linn da Quebrada, Liniker e Dalasan, por exemplo. Tais figuras ocupam um lugar primordial no campo da representatividade e da construção de um modo de fazer arte e música no Brasil dos dias de hoje. Fanon (2008) evidenciou como a criação de um olhar sobre a existência e consequentemente sobre o modo de vida das pessoas se estrutura numa leitura de mundo de pessoas brancas. O olhar branco atravessa os mais variados campos, a saber, a ciência, a literatura e as artes, que a também são interpeladas por esse *status quo* do branqueamento. Seguindo este raciocínio fica evidente como as *bixas pretas* se conectam com um pensamento e uma existência que colabora com uma transformação acerca do modo como olhamos, como nos representamos, trejeitos e performances, antes embraquecidas e agora com outra cor, preta.

Nas publicações a arte aparece também como peça fundamental para a visibilidades das *bixas pretas*, sendo *lócus* no qual o desenvolvimento do trabalho destas pessoas está interligado ao contexto político, pois como disse a Liniker, em uma das matérias pesquisadas: “Por que colocar uma calça jeans e uma camiseta e mostrar meu trabalho só com a voz? Meu corpo é um corpo político”. Esta afirmação ressalta o quão importante é refletir sobre o modo como as estruturas sociais e também as artísticas entendem e percebem as *bixas pretas* como indivíduos, mas como algo que se faz coletivamente e é perpassado por uma história.

Outra pessoa de grande importância no cenário musical nacional é “a” rapper Rico Dalasam, seu objetivo no campo da música seria a “construção de um imaginário que é necessário se tornar visível para a sociedade, reduzindo e tentando erradicar tudo que torna inviável a nossa existência negra, pobre, *bixa*, periférica”. A história e o percurso “da” Rico servem como inspiração e resistência frente às questões em torno do racismo e da homofobia que perpassam a sociedade brasileira.

Tais pessoas ao alcançarem a visibilidade e o sucesso acabam por contar as histórias das *bixas* por outra ótica, visão que em geral não aparece nas histórias

oficiais. Chimamanda Adichie em um vídeo, que posteriormente ganhou o formato literário, intitulado “Os perigos de uma história única” nos ajuda a pensar:

> E então eu comecei a perceber que minha colega de quarto americana deve ter, por toda sua vida, visto e ouvido diferentes versões de uma única história. Como um professor, que uma vez me disse que meu romance não era "autenticamente africano". Bem, eu estava completamente disposta a afirmar que havia uma série de coisas erradas com o romance, que ele havia falhado em vários lugares. Mas eu nunca teria imaginado que ele havia falhado em alcançar alguma coisa chamada autenticidade africana. Na verdade, eu não sabia o que era "autenticidade africana". O professor me disse que minhas personagens pareciam-se muito com ele, um homem educado de classe média. Minhas personagens dirigiam carros, elas não estavam famintas. Por isso elas não eram autenticamente africanos (ADICHIE, 2009).

E assim podemos refletir que o relato em torno das histórias das *bixas pretas* só faz sentido quando assumido o protagonismo das mesmas, pois são elas que passam pelas mais variadas violências e que possuem nas marcas corporais e simbólicas o sentido de continuarem se afirmando como *bixas pretas*.

O movimento no qual situamos esses corpos se conecta com o movimento diaspórico na qual as populações pretas foram submetidas, no caso das *bixas* há um fator especial. Em um dos textos encontrados no portal pesquisado, Lucas Veiga traz a seguinte concepção “a subjetividade negra é diaspórica por trazer em sua memória corporal e genealógica a retirada violenta de seu lar, de seu espaço de segurança, de afirmação de si e da visão de mundo de seu povo.” Reforçamos que não há como pensar a existência da *bixa preta* individualizada, segmentada ou isolada, e sim como parte de um processo que envolve séculos, sendo produzida em coletivo.

Entender o processo que situa as *bixas pretas* no campo social, assim como no campo simbólico é fundamental para pensar as relações estabelecidas em relação a este grupo, e também na compreensão do papel que as mídias tem na elaboração de uma imagem social dessas pessoas. O lugar de representatividade e visibilidade que essas *bixas* possuem é fundamental na edificação de uma sociedade que entenda um pensamento não estruturado num funcionamento racista e homofóbico.

2.2 **Homofobia, saúde e racismo**

No eixo temático “racismo e homofobia” aparecem publicações que evidenciam as violências que *bixas pretas* são submetidas. Diferente de homossexuais brancos, a questão do racismo incide de maneira muito intensa nos corpos das *bixas pretas*. Em um dos textos encontrados no portal, aparece a temática das violações de direitos em torno da própria existência das pessoas gays não brancas na própria comunidade LGBT, sobre isto encontramos: “Descrições como “não curto gordos nem afeminados” ou “sem negro ou asiáticos” estão por toda parte nesses aplicativos e plataformas”. Aplicativos e sites de relacionamento passam a ser espaços hostis para muitas pessoas LGBT, principalmente se atravessados pela pele preta, visto que, as bases sócio-históricas que baseiam as nossas relações têm estruturas racistas. (ALMEIDA, 2018)

Racismo e homofobia são violências que costumeiramente encontramos separadas, principalmente quando pensadas enquanto categorias analíticas o desafio consiste em uni-las, pois se circunscrevem no corpo das *bixas pretas* de modo muito singular,

> O homem negro deve ser “macho ao quadrado” em todas as situações exigidas, e só a partir desses atributos será reconhecido […] a própria afirmação do subalterno não prescinde dos atributos oferecidos pelo opressor, a ausência ou a deficiência de algum elemento relacionado ao corpo terá consequências catastróficas para a identidade deste homem. (FAUSTINO, 2014, p. 86).

Não raramente encontramos esse lugar dado às pessoas negras, em especial aos homens, o lugar de força, virilidade que ao mesmo tempo em que é simbolizado por imagens coloniais como o homem que exerce o trabalho, lhe é retirado qualquer aspecto de feminilidade, sendo permeado por duas forças que estruturam o mundo, e que só coexistem em interdependência, o racismo que inviabiliza a cor, a homofobia que nega a sexualidade.

Em torno da construção da figura do homem preto extremamente masculinizado atuam o racismo e a homofobia numa incrível velocidade, na qual violenta e petrifica um símbolo, “se o estereótipo do homem negro viril e super dotado sexualmente é utilizado para afirmar sua cis heterossexualidade, também o é para negar a sua homossexualidade” (OLIVEIRA, 2017, p. 20). Logo não é difícil entender que *bixas pretas* aparecem como elementos dos cenários de violação da dignidade humana e de desigualdades geradas pelo racismo e pela homofobia.

Contudo, o racismo e a homofobia não irão atuar apenas como um componente discursivo, entrelaçado na relação da raça e da heterossexualidade, resultando na leitura e na construção da imagem mais masculinizada possível do homem negro, o que gera racismo e homofobia.

Os materiais encontrados apresentaram uma diversidade de reflexões quando encontradas a temática do racismo e da homofobia, numa delas aparece um importante depoimento de uma *bixa preta,* que reflete o pensamento construído ao longo desta dissertação e pode auxiliar a visualizar um percurso comum que muitas de nós costumamos passar. Sobre o relato se lê: “Há uma expectativa sobre o homem negro de que ele seja másculo, o pegador. Então você ouve coisas do tipo ‘Um negão desses ser viado!’. As pessoas são muito mais agressivas com um LGBT negro”. O relato é de uma moradora de Vigário Geral, um dos bairros mais afetados pela desigualdade na capital carioca. Na reportagem ela traz intersecções fundamentais como o de ser negra, LGBT e periférica no Brasil. O que a faz quase que automaticamente lutar pelo enfrentamento do racismo, da homofobia e da objetificação do corpo negro constantemente.

O contexto de violência no qual as *bixas pretas* são alvo é intrínseco à sociedade brasileira. Somos o país que extermina a população negra e pessoas LGBT sustentados pela força do ódio e pela leitura colonial da nossa história. Se por um lado, a Organização das Nações Unidos (ONU) relata que a cada 23 minutos um jovem negro é assassinado no Brasil; por outro, a cada 16 horas um LGBT é morto no mesmo país[17]. Isto nos leva a refletir que tanto o racismo como a homofobia têm promovido um massacre a estes grupos, o que coloca as *bixas preta*s em lugar de extrema vulnerabilidade, pois acabam por unir ambos os elementos revelando que na escala de violência atual estão suscetíveis aos crimes de ódios e aos assassinatos.

As violências permeiam a vida das *bixas pretas*, “os escombros nos quais as bichas pretas vagam são as marcas do passado, as imagens desumanas antes da impressão que conferem um lugar onde a morte é permitida” (CHAGAS, 2018, p.1552). Logo, o racismo e a homofobia necessitam de um olhar que perpasse a história, e que possa não apenas descrever o passado, mesmo que haja uma

[17] https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2019/02/20/brasil-matou-8-mil-lgbt-desde-1963-governo-dificulta-divulgacao-de-dados.htm

importância nisto, é importante efetivar estratégias para assegurar a vida das *bixas pretas*.

Um trecho bastante significativo de uma das publicações feita por Marcos Wandebaster, cientista social em formação pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira e colaborador do Portal Geledés, sinaliza:

> É quase missão impossível construir autoestima em um corpo negro gay afeminado numa realidade que, antes mesmo de nos entendermos enquanto negros gays afeminados, age violentamente em nossos psicológicos e em nossos corpos, fazendo com que todos odeiem nossos traços e abominem nossos comportamentos que não condizem com a heteronormatividade, e assim, todos aprendemos os valores culturais racistas, homofóbicos e sexistas que moldam os gostos pessoais que jamais gostam dos negros gays afeminados, incluindo os próprios (EM 21/02/2019).

Tanto o racismo como a homofobia incidem sobre o sujeito, acentuando nele a indagação sobre aquilo que lhe é próprio, sua existência. Tão cruel como a violência que perpassa cada membro do corpo, as estruturas violentas que compõem as relações se instalam no modo como o olhar, o caminhar, o falar são construídos, cortando na maioria das vezes os lugares que foram edificados para serem campos de vida e de afeto. O racismo e a homofobia em relação às *bixas pretas* trazem uma revelação que as configurações sociais e os acordos coletivos dificultam emergir: desestabilizam as normas vigentes em torno da sexualidade e da raça. Comumente, a morte passa a ser o destino desse grupo no território brasileiro, *lócus* da violência histórica nos corpos que foram e são subjugados, pois não são másculos como se espera dos homens negros e não se encontram no lugar de procriação muitas vezes dada as mulheres negras, solidificando o racismo ao longo de séculos. A partir da reflexão acerca das *bixas pretas* e o direcionamento da violência que lhes é dirigida, qual seria o lugar de tais *bixas*?

Um outro eixo temático reflete de maneira sistematizada como a homossexualidade masculinizada tem um lugar estrutural nas relações atuais. Não raro, encontram-se nas construções imagéticas e corporais o lugar dado ao gay branco, que, ao performar um ideal de homem heterossexual, perpetua uma lógica cruel de violência e de lugar de privilégio. Nas publicações, a temática da solidão da *bixa preta* era significativamente sinalizada. As pontuações sobre a objetificação do corpo negro também compõem essa discussão.

No ano de 2018, um vídeo postado em uma rede social por uma *bixa preta* natalense viralizou. Nele, questionava o medo das pessoas ao cruzarem com ela,

mesmo que estivesse rebolando e bastante afeminada, a ideia dela era que o medo gerado pela cor da sua pele, ultrapassava seu comportamento e seu modo de existir no mundo. No vídeo ela fala “eu fico passada de como o povo tem medo de uma *bixa* como eu... A *bixa* saí desfilando e o povo ainda fica *ruuuum*, meu cu.” Essa imagem que já constitui um imaginário social em torno dos corpos negros, não importa como você se comporta, o racismo vai colocar estes corpos no campo da marginalização.

No que tange ao cenário brasileiro, uma importante saída é a construção de coletivos e grupos formados pelas *bixas pretas*, que acolhem as demandas de suas experiências e necessidades. A identificação é uma estratégia que resulta na sobrevivência desse grupo, este conceito versa sobre uma noção singular de pensar a sociedade,

> A identificação é, pois, um processo de articulação, uma saturação, uma sobreposição, e não uma subsunção. Há sempre “demasiado”, ou “muito pouco” – sobre determinação ou uma falta, mas nunca um ajuste completo, uma totalidade. [...] Ela obedece à lógica do mais – que - um. E uma vez que, como num processo, a identificação opera por meio da *différance*, ela envolve um trabalho discursivo, o fechamento e a marcação de fronteiras simbólicas, a produção de efeitos de fronteiras. Para consolidar o processo, ela requer aquilo que é deixado de fora – o exterior que a constitui (HALL, 2000, p. 106).

Nos textos, evidencia-se o quanto a mídia e consequentemente a sociedade colocam à margem e sulbaternizam a *bixa preta*. As questões ligadas à construção de uma identificação racial, da sexualidade e gênero das *bixas pretas*, os discursos e representações que atravessam a vida e a subjetividade dessas pessoas, que ao longo da história foram massacradas e ainda são, acabam entre as demarcações de identificação e obedecem a um percurso muito particular: coletivamente produzem marcas e ecos introduzem marcas e memórias, é múltipla, sua relação com o passado se presentifica, como se a história seguisse um ciclo.

O Portal GELEDÉS apresenta um escopo rico e diversos no tocante a temática racial e da sexualidade da população preta brasileira. A plataforma cataloga textos de autores variados o que permite a apresentação de ideias e perspectivas múltiplas contribuindo com a riqueza do debate e principalmente com a difusão de textos em torno das *bixas pretas* em variadas áreas.

Outra fonte de pesquisa importante, com uma grande concentração de produções atuais sobre a temática é o Portal *Medium. Esta* é uma plataforma digital,

onde as pessoas podem postar textos, poesias, narrativas em torno de variadas temáticas. Foi criado em 2012 e desde então tem disponibilizado textos de escritores do mundo todo. A plataforma funciona como forma de divulgação de escritores não-profissionais e abre um leque amplo de acesso a ideias e textos, funcionando como uma biblioteca virtual. Como apontado anteriormente, este portal foi encontrado através de resultados obtidos a partir de um buscador geral, se apresentando como um repositório com grande quantidade de material registrado sobre a temática da bixa preta. É importante que esses resultados encontrados façam parte deste trabalho pois trazem uma produção muito recente feita por pessoas implicadas com a temática e por ser um material de fácil acesso o conteúdo.

Seguindo o mesmo percurso anteriormente utilizado para levantamento de textos no Portal Geledés, a partir de agora será apresentada uma reflexão sobre o conteúdo encontrado nos textos disponíveis na plataforma *Médium*[18]. As palavras utilizadas para a pesquisa foram: “bixa preta”, “bicha preta”, “bixa negra”, “bicha negra”, “homossexual negro”, “gay negro”, “homossexual preto” e“gay preto”. Tais palavras totalizaram 55 publicações, tendo sido encontradas um total de 11 repetidas entre 2017 e 2020. A quantidade de referências relacionadas a cada termo de busca foi a seguinte: “*bixa preta*”(1), “bicha preta” (2), “*bixa* negra” (1), “bicha negra”,(1) “homossexual negro” (16), “gay negro”(7), “homossexual preto” (11) e “gay preto (16).

Os textos encontrados neste portal podem ser divididos em dois eixos temáticos. O primeiro deles, agrupa os textos que trazem a relação da saúde mental e da construção de um desenvolvimento psicossocial da *bixa preta*, definido como: Saúde Mental da *Bixa Preta*. O segundo eixo versa sobre o reconhecimento da estrutura social racista que incide sobre a *bixa preta* e como estruturas racistas acabam por incidir diretamente em seu corpo produzindo principalmente humor dessa situação, nomeada de Panorama *Recreativo* na relação com as *bixas pretas*.

A primeira categoria “saúde mental da *bixa preta”* faz emergir uma questão fundamental, pois pensar a Saúde Mental da População Negra tem sido uma demanda central na sociedade brasileira, principalmente pelo atravessamento do racismo. No que diz respeito às *bixas pretas*, a saúde mental perpassa tanto uma política de saúde que enfrenta o racismo, como uma política de saúde LGBT no

[18] O portal pode ser acessado em https://medium.com/brasil

combate a LGBTfobia. Muitos textos não fazem alusão direta à saúde mental, e sim aos quadros psicopatológicos, a exemplo da depressão, suicídio e quadros de ansiedade. Além disso, encontramos nas publicações descrições relativas à dor colonial e estrutural que alicerça as relações raciais brasileiras, em um dos textos produzidos por Emerson Soares, graduando do curso de jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia, ele afirma sobre a situação do homossexual negro:

> (...) enfrentando dificuldades em relações não por dores estritamente pessoais, mas dores atinentes ao racismo e a sua negritude. Ele nos canta: 'Ficar só é ruim, quem já sabe o quanto, me adaptei no rolê de canto, dancei e só reparei os malandros, parei de sair. Nem me perdendo e nem me encontrando, às vezes adoecendo, sem saúde mental (...)[19] (Soares,2020)

Não raramente, a arte é um campo utilizado para lidar com as violências e dores que atravessam a história do próprio povo negro no Brasil. Com isso, a história das dores relatadas no trecho transcrito acima interpelam as estruturas e se fortalecem com o adoecimento das pessoas negras, sobretudo mulheres e *bixas pretas* (AKOTIRENE, 2019).

Entendendo que a população negra sofre com o racismo e a população LGBT sofre com a LGBTfobia, as *bixas pretas* sofrem por ambas as violências. Werneck (2016) nos chama a atenção para o fato de que, ao pensarmos a Saúde Mental, há um determinante social da saúde das pessoas negras, o racismo, que se faz presente inclusive quando consideramos a alta concentração de riquezas, acesso a bens e materiais, bem como as políticas de educação, lazer e saneamento. Assim, considerar o racismo como um fator que adoece as pessoas e que não viabiliza a promoção da saúde mental das pessoas negras, incluindo as *bixas pretas*, auxilia na compreensão que há neste panorama de adoecimento uma grave violação da dignidade humana e consequentemente dos direitos humanos.

Uma importante conquista, foi a Política Nacional de Saúde da População Negra (BRASIL, 2017), fruto de intensa luta e reivindicações dos movimentos negros dos mais variados territórios do Brasil. Um trecho do documento enfatiza sua importância para o desenvolvimento de um trabalho que entenda as particularidades da população negra e os agravos decorrentes das estruturas históricas e sociais, a respeito da produção de diretrizes de cuidado e gestão em saúde, a Política diz:

---

[19] Acesso do texto na íntegra em https://medium.com/@emersonluiz/navegando-pela-decolonialidade-da-dor-f15760acacde

> (...) fortalecimento da atenção à saúde mental das crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos negros, com vistas à qualificação da atenção para o acompanhamento do crescimento, desenvolvimento e envelhecimento e a prevenção dos agravos decorrentes dos efeitos da discriminação racial e exclusão social (BRASIL, 2017)

Entendendo que a Política é parte integral do Sistema Único de Saúde (SUS), compreender as questões que atravessam a população negra é mais que necessário. Ainda sobre a Saúde Mental, é fundamental frisar que na literatura ainda são extremamente escassos os estudos sobre a população preta e LGBT (PAVELTCHUK; BORSA, 2019; PAULINO et. al, 2019).

O segundo eixo temático "racismo recreativo" traz a dimensão social e cultural que interpela as experiências e vivências das *bixas pretas*, revelando uma dimensão do racismo e da LGBTfobia que se manifesta na redução dos espaços de visibilidade de tais pessoas apenas à dimensão recreativa, como se tais pessoas se fizessem presentes nos espaços como alegoria humorística ou adorno. Evidentemente, há algo do lazer dentro de práticas como bate cabelo e a montação[20], por exemplo. Contudo, elas extrapolam a esfera do lazer, pois, em sua complexidade, dizem de uma história, de um percurso e de resistência, levando-nos a compreender que as reduzir ao riso é sobretudo violento.

Figuras que já foram apresentadas nessa dissertação foram interpeladas por esse tipo de violência, rir não da piada, mas de uma categoria social, de um percurso e naturalizar como se estivesse entranhado na nossa própria existência, o que torna tão cruel quanto qualquer outra violência. Em uma entrevista para a revista Carta Capital de 12 de dezembro de 2018, o professor doutor pela Universidade de Harvard em Direito Antidiscriminatório e colunista da editoria de Justiça da Carta Capital, Adilson Moreira, disserta sobre as intersecções entre o racismo recreativo e a LGBTfobia através da personagem Vera Verão.

> Personagem caricato interpretado pelo ator Jorge Lafond, era uma das atrações do programa humorístico do SBT, *A Praça é Nossa*. O personagem trazia o estereótipo do gay escandaloso e travestido que estava sempre a procura de um parceiro sexual. Era muito amado pelo público brasileiro e, após a morte de seu intérprete, foi eternizado como um dos maiores personagens humorísticos que já passaram pela TV. Apesar de

[20] Bate cabelo e montação são duas formas de expressão artística, sendo a primeira a prática de apresentações em que a pessoa que está se apresentando move seus cabelos, na maioria das vezes perucas, no ritmo de uma música eletrônica de batidas marcantes. A montação é a prática de se travestir com roupas, perucas e maquiagens exuberantes transformando-se em uma expressão artística.

> toda a fama e carinho do público brasileiro, o personagem traz graves problemas, justamente por ser um emaranhado de estereótipos negativos que reforçam vários tipos de preconceitos, desde o racismo, passando pela homofobia e indo até a representação negativa da mulher negra. Adilson detalha isso na entrevista à Carta Capital: "Primeiro, a degradação sexual de minorias sexuais. Toda a sua personalidade girava em torno da sua sexualidade. Encontrar parceiros sexuais era o único propósito de sua vida. Sempre fazia questão de enfatizar suas habilidades sexuais. Segundo o personagem reproduzia a ideia do homem branco como único parceiro sexual socialmente aceitável, porque ela só se interessava por homens brancos. Terceiro, ela também expressava a noção de que todos homossexuais são afeminados e que todos os homens negros homossexuais estão à procura de homens brancos. Quarto, ela também reproduzia a imagem hipersexualizada da mulher negra porque ela se apresentava como uma mulher"[21] (CARTA PAITAL, 2018).

O texto da reportagem anterior é extenso, mas é fundamental para entender este conceito e como ele se capilariza nas relações sociais, pois traz elementos centrais para a discussão. Inicialmente, para compreender o conceito de racismo recreativo, o pesquisador Moreira (2019) situa a imagem construída em torno das vivências das pessoas negras. O que faz as pessoas facilmente acreditarem que toda pessoa negra é engraçada ou ainda que é possível rir das suas dores e seus lugares na sociedade?

Existe uma visível política cultural que subsidia o humor para justificar práticas violentas e racistas em torno de homens e mulheres negras. Essa ideia de trazer o humor como um instrumento que vai operar maquiando práticas racistas subsidia as estruturas racistas, afinal quem nunca ouviu uma piada racista? Tal ato legitima pessoas brancas a continuarem a propagar tal prática, dificultando a leitura que esse humor é racista e que não dá para rir de dores que não são suas. Opera como um mecanismo cultural que propaga o racismo, pois o humor vai fundamentar o apagamento do racismo.

Sobre como o gozo da branquitude em relação ao racismo recreativo é presente na atualidade, encontramos o seguinte trecho numa das publicações:

> Vejam como as coisas funcionam… Dia 8 o Porta dos Fundos lançou um vídeo chamado "balbúrdia", com atores todos brancos (como na maioria de seus vídeos) performando a suposta balbúrdia, com ênfase exagerada em drogas, menstruação e conteúdo sexual… Logo no início uma fala surge: "pensador para gente é Marcelo D2, Inês Brasil". Logo mais, "a gente tem que enaltecer os quilombolas caralho" e Porchat comemora a efervescência dançando Ijexá…[22] (CARTA CAPITAL, 2019).

[21] A entrevista completa pode ser acessada em https://www.cartacapital.com.br/justica/adilson-moreira-o-humor-racista-e-um-tipo-de-discurso-de-odio/

[22] O texto completo pode ser acessado em https://medium.com/@jadealcntaralbo/o-que-o-branco-do-f%C3%A1bio-porchat-quer-dan%C3%A7ando-ijex%C3%A1-95c37170e16

Comumente é possível se questionar acerca de como o racismo recreativo se naturalizou. Para entender as configurações que atravessam tal complexa questão, faz-se importante a notória contribuição que o conceito até aqui trabalhado traz, acreditamos ainda que, parece estar evidente que o sofrimento das pessoas negras (sobretudo das *bixas* e mulheres pretas) é parte de um desejo da maioria das pessoas brancas. Moreira (2019) traz a ideia de que o humor racista propaga sofrimento para certa categoria social, e que se interliga a um projeto de dominação, seguindo uma lógica de transformar elementos que violentam as pessoas negras em riso ou humor, revelando o quão perverso esta lógica se estrutura.

2.3 **Aparições políticas**

Para endossar a discussão da construção desta categoria identitária da bixa preta, parece-me estratégico pensá-la à luz das construções históricas dos movimentos sociais. Para a concepção deste objeto de pesquisa e da ideia de *bixa preta* que será trabalhada retornarei ao processo histórico de surgimento do chamado *Movimento Homossexual Brasileiro.* O objetivo deste trabalho é pensar como a discussão de raça e sexualidade eram tematizados, bem como refletir em torno das contribuições do Movimento Negro Unificado (MNU), uma vez que algumas discussões sobre sexualidade atravessaram as pautas raciais encontradas no grupo. Tal análise será de grande valia, pois auxiliará na compreensão de um tema pouco discutido no tocante às sexualidades, mesmo que tenha perpassado grande parte da história brasileira.

Durante a década de 1970 ocorreram diversas movimentações em torno da articulação de encontros e espaços de sociabilidade homossexual, a criação de jornais artesanais para a divulgação das informações de interesse desta população, ainda que de maneira discreta por conta do regime ditatorial então vigente no Brasil. Simões e Facchini (2008), através dos registros no período de construção do movimento na defesa, organização e desenvolvimento das pautas dos grupos homossexuais, afirmam que o ano de 1978 é um marco diante de diversas articulações menores e mais localizadas. Naquele ano, ocorria em São Paulo a fundação do grupo militante SOMOS, tendo em sua formação inicial apenas gays e lésbicas e com o propósito de, através da afirmação da homossexualidade, causar

modificações na estrutura social. Esta movimentação abriu espaço para a criação de diversos outros coletivos em torno da 'causa homossexual'. Neste período de final da década de 1970, outras minorias políticas também buscavam organizar suas lutas e construir movimentos políticos identitários, como foi o caso de organizações de mulheres e de negros.

Um instrumento importante nesse momento de estruturação desses movimentos foi o jornal *O Lampião da Esquina.* Silva e Rubio (2019) ressaltam a importância do campo inaugurado pelo jornal, em que a temática da homossexualidade passa a ser pautada sob um viés político e de resistência, criando um novo espaço para a emergência desse discurso. Apesar do reconhecimento atual de que o jornal faz parte da história do Movimento Homossexual Brasileiro, seus números traziam uma relação bem mais ampla de informações, indo desde violência urbana até a organização de diversas outras categorias minoritárias. Brito (2016) ressalta que, dentre os assuntos abordados pelo jornal, a homossexualidade possuía posição de destaque, porém suas pautas avançavam sobre discussões como o aborto, a moral sexual, o feminicídio, casos de racismo, violências de Estado etc. Não raro, o jornal se apresentava como uma arena para os movimentos sociais que surgiam e ganhavam expressão à época, como o movimento feminista, o movimento negro, além do movimento homossexual.

Neste mesmo período, também se encontrava em articulação a fundação do Movimento Negro Unificado (MNU), como relata Domingues (2007). Tratava-se de um grupo de pessoas negras influenciadas por um pensamento marxista que tinha como aposta a mobilização em prol do combate ao racismo na sociedade brasileira, bem como o enfrentamento ao capitalismo, que se apresentaria como mantenedor da estrutura de exploração racial. O combate ao capitalismo como uma pauta de luta se justificaria a partir da ideia de que, em uma sociedade mais igualitária, seria possível superar o racismo. O nascimento do MNU significou um marco na história das reivindicações negras do país, porque, entre outros motivos, desenvolveu-se a proposta de unificar a luta de todos os grupos e organizações anti-racistas em escala nacional. Nas discussões do movimento, as pautas mais importantes giravam principalmente em torno das questões raciais e de classe[23].

[23] Para mais informações sobre avaliações e estruturação deste período de fundação do movimento negro, acessar a entrevista concedida por Lélia Gonzalez à edição número 19 do Jornal Nacional do

Edward MacRae (2018), a partir de suas análises da constituição dos movimentos sociais após a ditadura, destaca que, naquele momento, o debate sobre gênero e sexualidade não possuía protagonismo nas discussões do MNU. Dizer que as discussões de gênero e sexualidade não eram enfatizadas pelo movimento citado é entender que se, por um lado, o racismo e seus efeitos atravessavam a vida e as relações sociais brasileiras; por outro lado, mulheres e homossexuais negros sofriam e eram violentados simultaneamente pela raça, pelo gênero e pela sexualidade. Com isso, mulheres e homossexuais buscaram caminhos para estruturar suas próprias pautas. Diante deste cenário, o surgimento de grupos de "homossexuais negros" enquanto organização política se dá a partir do reconhecimento de que no processo de construção do então Movimento Homossexual, diversas situações de racismo se apresentavam sem serem enfrentadas e que, no Movimento Negro, as questões de sexualidade não ganhavam força.

No início da década de 1980, ocorre no Brasil uma ebulição de organizações, movimentos sociais e discussões sobre raça, sexualidade e classe social. No ano de 1980, o Grupo Gay da Bahia (GGB) é fundado em Salvador e é em seu âmbito que, em 14 de março de 1981, emerge a primeira organização de "homossexuais negros", o grupo Adé-Dudu. Traduzindo livremente do idioma yorubá, temos que "adé" refere-se à figura do homossexual masculino sexualmente passivo, sendo chamado dessa forma principalmente em contexto de terreiros de candomblé[24], e "dudu" com livre tradução para negro. Inicialmente formado por Wilson Bispo dos Santos, Hermeval da Hora, Genildo Souza, Passarinho e Hamilton Vieira, é o primeiro grupo explicitamente afro-gay do país. Em um poema[25] publicado pelo grupo no final do ano de 1981, está registrado:

> Caro amigo:
> Neste final de ano
> Não lhe desejamos
> Boas festas
> Nem feliz natal
> Nem próspero ano novo.
>
> Queremos sim

Movimento Negro Unificado, que pode ser acessada em http://blogueirasnegras.org/wp-content/uploads/2013/07/entrevista-lelia-mnu.pdf.

[24] Para uma perspectiva histórica do adé, ver Matory, 2008. Segundo o historiador: "Do meu ponto de vista negro norte-americano, eu o imagino [o adé] como o "nigger" do Brasil e do matriarcado famoso do Candomblé: personifica o anti-tipo do cidadão legítimo" (Matory,2008. p 109).

[25] O poema pode ser acessado em http://acervobajuba.com.br/poema-do-grupo-ade-dudu-memoria-da-militancia-homossexual-negra-brasileira/.

que este ano novo
Tenhamos mais e mais força
Para lutar e vencer
Esta guerra
Que parece eterna
E cujo desfecho
Muito depende de nós

Neste novo ano
Não vamos gritar:
Abaixo o racismo
Abaixo o preconceito sexual
Ou abaixo a dominação
Daqui pra frente
Vamos fazer desaparecer
A opressão.

Mesmo porque as coisas estão mudando
Deixemos que aproveitem
Seus últimos dias de poder
Estamos caminhando
Para um mundo de igualdade
Justiça, felicidade
Cujo advento depende
Principalmente de nós

Hoje, agora, amanhã e sempre
Neste e em todos os anos vindouros
Nossa palavra de ordem será:

"LIBERDADE"

"No novo tempo
Apesar dos castigos
Estamos em cena
Estamos na rua
Quebrando as algemas
Pra nos socorrer"[26].
(Salvador-Bahia, Dezembro
de 1981- Grupo Ade Dudu)

No poema ficam bem explicitadas as pautas de reivindicação do grupo e suas mobilizações em prol do combate ao racismo e ao "preconceito sexual" e às opressões de uma maneira geral. O poema é um manifesto, um convite para as lutas em prol da liberdade, muito motivadas também pelo processo de "abertura política" e pelo otimismo com reinstalação da democracia.

A partir de sua fundação, o grupo atuou principalmente em conjunto com o Grupo Gay da Bahia (GGB) na construção das movimentações nacionais. O GGB tinha como meio de comunicação a emissão de boletins periódicos – o *Boletim do Grupo Gay da Bahia* - em que se sinalizavam as atividades realizadas,

[26] A última estrofe é retirada da letra da música Novo Tempo, de Ivan Lins, gravada em 1980.

acontecimentos e intervenções. No ano de 2011, organizada por Luiz Mott (antropólogo e fundador do grupo), foi lançada uma publicação contendo todas as edições dos boletins, desde a fundação do grupo até o ano de 2005. A partir da análise destes boletins é possível reconstruir parte da história do grupo Adé Dudu. Estes eram boletins lançados com uma periodicidade mensal na forma de escritos que continham as atividades realizadas pelo grupo no período, eventos participados e em construção, acontecimentos marcantes para a história do grupo.

O primeiro registro das atividades do grupo Adé Dudu está no *Boletim* número 02, relatando a atuação do grupo no Primeiro Encontro de Negros do Norte e Nordeste. O encontro foi realizado no ano de 1981 no Diretório Central dos Estudantes da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), em Recife. Neste encontro, em que o tema principal da discussão era a ampliação e unificação da luta do negro e formas de atuação junto à comunidade, os representantes do grupo Adé Dudu distribuíram mais de duzentas cópias de um manifesto sobre a questão racial e homossexual no momento das discussões abertas.

Neste período, um acontecimento importante relatado no *Boletim* de número 03 sob o título “Zumbi não transa com viado?” informa que, nas comemorações do dia 20 de novembro de 1981[27], na localidade de Palmares, situada entre os estados de Alagoas e Pernambuco, os representantes do grupo Adé Dudu foram convocados a se posicionar. Na comemoração foram hasteadas no alto da Serra da Barriga, em Alagoas, as bandeiras de todos os movimentos sociais presentes no evento. Bandeira do movimento negro, do indígena, de mulheres, sendo que, apesar de representantes do movimento homossexual estarem presentes a bandeira deste movimento não foi hasteada. Em reação ao acontecimento, os representantes do grupo colocaram flores coloridas ao lado das bandeiras, marcando assim sua presença no evento.

Outro momento importante registrado no *Boletim* número 03 diz respeito à discussão entre homens negros e brancos, pautadas no combate às discriminações raciais e sexuais através da 2ª Convenção *Black and White Men Together*

[27] O Dia Nacional de Zumbi e da Consciência Negra, comemorado em 20 de novembro, só seria oficialmente instituído pela Lei nº 12.519, de 10 de novembro de 2011. A data faz referência ao dia da morte de Zumbi, líder do Quilombo dos Palmares, descoberta por historiadores no início da década de 1970. Desde então, o dia passou a ser reivindicado pelo movimento negro como uma data importante a ser comemorada, visto que Zumbi foi uma figura de extrema importância para o processo de luta dos negros no período da escravidão.

(BWMT)[28], realizada entre os dias 16 a 20 de junho de 1982. Neste evento, o grupo enviou uma moção como forma de participação:

> O Grupo Gay da Bahia impossibilitado de enviar um representante na Convenção de nossa Associação Internacional de Negros e Brancos Juntos, se une a todos nossos co-irmãos presentes em Washington, desejando que este encontro seja uma profícua oportunidade para o aumento de nossa organização em sua luta contra a homofobia, o heterossexismo e o racismo, desejando que a cordial convivência de gays, negros, brancos e latinos se estenda para toda a sociedade. Com carinhos gays do GGB. (BWMT, 1982)

Como os membros do Adé Dudu também eram integrantes do GGB, a maioria das atividades de cunho racial, por mais que levassem assinatura apenas deste último, possuía em sua composição também os integrantes do Adé Dudu, tornando em alguns momentos indissociáveis a atuação dos dois grupos. Ainda assim, seus registros próprios eram incorporados no Boletim do GGB, como foi com seu processo de fundação e também o registro de seu fim. No *Boletim* de número 04, de setembro de 1982, o grupo de homossexuais negros já é descrito como desintegrado. A última menção ao grupo é relatada no Boletim de número 10, apenas citando a existência passada do coletivo.

A partir dos registros analisados, podemos considerar o Adé-Dudu como a primeira organização política em que a pauta racial e a da homossexualidade estavam em diálogo como protagonistas da discussão. MacRae (2018) esclarece que a construção desse processo teve como contribuição a participação de seus integrantes em encontros de mulheres do Movimento Negro, pois elas já traziam em suas pautas questões pertinentes ao machismo e ao racismo, proporcionando um espaço para que pudessem emergir as discussões e cruzamentos entre sexualidade e raça.

Depois do Adé Dudu encerrar suas atividades enquanto coletivo, outros grupos surgiriam. Podemos encontrar em 2005, o *Boletim* de número 6 do grupo Quibanda-Dudu[29], um outro coletivo de homossexuais negros organizado no interior do GGB em 1995. O grupo fundado por Luiz Mott, pelo estudante de história Marcelo Ferreira e Ozéas Santana, líder comunitário em Salvador, surge também na tentativa de lutar contra o racismo entre os homossexuais e contra a homofobia entre os

[28] Para maiores informações sobre a associação, que mantém atividades até os dias de hoje, ver https://www.nabwmt.org/.

[29] Não foi possível acessar nenhum boletim anterior a esse, não existindo nenhum outro registro digital de boletins desse coletivo.

negros, atuando como uma mobilização a fim de pressionar instituições e indivíduos sinalizando para as violências que estes sofrem.

Neste registro, ele oferece uma lista dos “grupos homossexuais afro-brasileiros”, surgidos até então, são eles:

> a) Adé-Dudu: primeiro grupo afro-gay do Brasil (1982), Salvador, Bahia, fundado por Wilson Bispo dos Santos, Hermeval da Hora, Genildo Souza, Passarinho e Hamilton Vieira (extinto);
> b) Quimbanda Dudu: segundo grupo afro-gay do Brasil, Salvador, Bahia, o mais antigo em funcionamento, fundado em 1995 no Tricentenário de Zumbi dos Palmares por Luiz Mott, Marcelo Cerqueira e Oséas Santana;
> c) Grupo Dudu-Adé - Coletivo de Homossexuais Afro-brasileiros do Partido dos Trabalhadores de São Paulo, tendo como Presidente Waltecy Alves dos Santos;
> d) Núcleo de Negros Homossexuais do Partido Social dos Trabalhadores Unificados/SP, com a Coordenação o Wilson Nório;
> e) Filhos do Axé em Maceió/AL, fundado em 2003, associado ao Grupo Gay de Alagoas (GGA);
> f) Núcleo de Afrodescedentes do Grupo Homossexual de Brasília, fundado em 2003 pelo Presidente Milton Santos;
> g) Grupo Felipa de Souza no Rio de Janeiro/RJ, tendo como presidenta Rosangela Castro;
> h) Minas de Cor em São Paulo/SP fundado em 2003 e com a coordenadora geral Márcia Cabral;
> i) Núcleo Obimirim Odara em São Paulo/SP, associado ao Grupo Umas e Outras; Coordenadoria de Negras e Negros do Identidade - Grupo de Ação pela Cidadania Homossexual em Campinas/SP fundado em 2004 pelos Coordenadores Leandro de Souza e Maria Aparecida Almeida da Silva;
> j) Associação Cultura, Arte e Movimento LGBT – Negritude em Porto Alegre/RS; ACARMO-LGBT, fundado em novembro de 2003.
> Grupo Oxumaré em Goiânia tendo como presidente Marco Aurélio;

> k) Associação dos Afrodescedentes Gays do Estado de Goiás - AFROGAY, fundado em 2005, tendo como Coordenador Pablo Venâncio;
> l) Coordenadoria de Negros do Grupo Gay de Pernambuco com a coordenação a cargo de Gilvan Nixon;
> m) Associação de Negros Homossexuais de Goiás/ANEGO, presidente Soleni de Fátima.

Nesse levantamento de 2005 algumas características dessa mobilização ficam evidentes, como o expressivo número de coletivos que surgem dentro de partidos políticos, fazendo com que a discussão muito provavelmente ecoasse dentro das instituições de poder político. Paralelo a essa percepção, vemos que os coletivos negros LGBT surgem dentro de outros coletivos LGBT, sinalizando que algo perpassa uma das partes que não está contemplada no coletivo maior. Outro aspecto que se destaca é a predominância masculina nos coletivos, ressaltando que ainda uma questão relacionada ao gênero precisa ser melhor discutida mesmo dentro da comunidade LGBT.

Ainda analisando esta listagem, podemos perceber a grande significativa presença de nomes de coletivos que se utilizam de expressões da língua Yorubá. A tradição yorubá trazida ao Brasil pelos negros que foram escravizados neste território, encontra lugar dentro dos cultos de matriz africana, como o candomblé. Por ser uma religião em que as questões de gênero e sexualidade são tratadas de modo menos estigmatizante, entendendo até que os adés têm uma função diferenciada nos planos espirituais, muitas pessoas LGBT se vêem acolhidas nesses espaços e, por fim, acabam por disseminar também a cultura através da linguagem.

Nesse intervalo de quinze anos desde a publicação desta listagem, muitos outros coletivos surgiram e muitos também se desfizeram, seja por conta de questões político-organizacionais ou por conta de mobilizações momentâneas. Mas alguns deles ainda permanecem em atividade, como o Coletivo Quimbanda Dudu, bem como a Rede Nacional de Negros e Negras LGBT, também denominada Rede Afro LGBT, que foi criada durante o 1º Encontro Nacional de Ativistas LGBT Afrodescendentes, na cidade de Brasília, nos dias 07 e 08 de novembro de 2005. Este coletivo se mantém como um representante das causas afro/LGBT participando e organizando eventos em torno da temática pelo país.

3 **AS *BIXAS PRETAS* REUNIDAS**

Buscar um entendimento a partir do processo histórico de organização e de movimentações de homossexuais negros nos dá uma base e de certa forma busca facilitar e fornecer ferramentas para analisar a contemporaneidade e seus efeitos sobre nossos corpos. Um componente importante desta pesquisa, que evoca atravessamentos que compõem tanto meu processo de auto-entendimento enquanto *bixa preta*, quanto o de outras pessoas, é o grupo "Bixa preta, e daí?!"[30]. Mais conhecido por seus participantes apenas como 'o grupo de bixa preta'. apresenta-se como um espaço criado para a reunião e discussão entre pessoas que se identificam com esta performance complexa.

Diante da inquietação pela falta de espaços para colocar em pauta as vicissitudes de ser negro e homossexual, um grupo de quatro jovens *bixas pretas* (Leopoldo Duarte, Alex Lemos, Bruno Duarte e Octávio Neto) se reune e propõe a criação de encontros na expectativa de fortalecer um coletivo formado por outras *bixas pretas*. A dinâmica pensada para o espaço seria a de uma roda de conversa, utilizando sempre como disparador alguma temática que surgisse dos próprios encontros. Apenas o primeiro encontro foi previamente pensado apenas pelos organizadores. Desde o início, a movimentação do grupo baseou-se em uma organização online, através das redes sociais, principalmente através dos eventos no *Facebook*.

Como a proposta era a de realização de encontros presenciais, foi necessário também pensar em um lugar para a sua realização. Neste momento da busca por um espaço físico, um dos organizadores propõe o Terreiro Contemporâneo[31]. Este espaço de três andares localizado na região central do município do Rio de Janeiro, região da Praça da Cruz Vermelha, próximo à região boêmia da Lapa, foi inaugurado em 2012 e apresenta-se como um centro de cultura que possui espaços para a exibição de filmes, uma biblioteca, espaço para apresentações teatrais, um bar e um espaço multifuncional para eventos. O espaço teria surgido como resposta à

[30] Os dados que serão aqui trabalhados foram obtidos através de eventos criados no *Facebook*, em que existe o espaço e liberdade para que todos os participantes possam compartilhar seus registros dos encontros e estes permanecerem disponíveis para acesso público.

[31] O Terreiro Contemporâneo está localizado na Rua Carlos de Carvalho, 53 - Cruz Vermelha.

inquietação das instituições Companhia Artística Rubens Barbot, Incubadora Afro Brasileira e Instituto Brasil Social que entenderam que, principalmente as artes cênicas, cinema e artes visuais não conseguiam avançar nos seus processos de criação e, por consequência, chegar ao centro da cidade por falta de acesso aos espaços existentes, fossem espaços para preparação, ensaios ou apresentações. Nesse momento nascia o Projeto Terreiro Contemporâneo de Arte e Cultura. A proposta de realizar encontros de *bixas pretas* nesse local foi aceita pelos participantes após considerarem alguns fatores importantes: localizar-se na região central facilitando assim o acesso, possuir o histórico de abrigar atividades em que a temática racial é pautada e também por ser um espaço cuja ocupação tem custo reduzido.

É importante destacar que a proposta de composição do grupo inclui apenas homens negros (cisgêneros ou transgêneros) que denominam suas relações afetivo-sexuais como homoafetivas. Esta informação era apresentada na divulgação de todos os eventos e também endossada pessoalmente pelos participantes. Por conta disso, pode se entender que todas as falas dos participantes trazidas nessa dissertação possuem tal identificação.

Fruto desta organização, acontece no dia 03 de dezembro de 2016 o primeiro encontro do grupo de *bixas pretas.* Até o mês de janeiro de 2020, foram realizados nove encontros do grupo, com algumas mudanças de organização que serão expostas à medida em que forem apresentados relatos sobre os encontros.

3.1 **Bixa preta, e daí!? - Primeira edição**

A proposta da primeira edição do encontro teve como disparador para as discussões a temática das *referências*. O evento contou com a presença de mais de trinta pessoas[32]. A ideia era pensar quais *referências* os participantes do grupo que se afirmavam como *bixas pretas* tiveram em suas vidas, entendendo como *referência* alguém em quem essas pessoas se reconheciam ou a quem tinham como inspiração, como ícone de suporte emocional para superar alguma dificuldade. A média de idade dos participantes desta primeira edição do encontro era de mais ou

[32] O número é impreciso porque a contagem foi realizada através da lista de presença, porém algumas pessoas deixaram o encontro antes de assinar a listagem.

menos trinta anos, significando que a maioria viveu a sua infância ou adolescência na década de 1990.

Dentre as *referências* mencionadas pelos participantes, surgiram personagens de videogames, cantoras de música pop, de MPB e até mesmo cantoras evangélicas. Porém um nome se apresentou com unanimidade, como sendo uma figura que ficou registrada por todos como um ícone: Vera Verão. A personagem era lembrada principalmente pelos trejeitos femininos, a forma de falar e toda imagem que performava através das vestimentas. As *bixas* presentes a esse primeiro encontro relatam que enquanto jovens ou crianças, em algum momento, ou a imitavam, ou então recebiam de outros alguma interpelação derrogatória identificando-os à personagem.

Juntamente com a figura interpretada por Jorge Laffond, muitos participantes também indicavam como *referências* pessoas próximas, amigos, conhecidos, companheiros amorosos, que foram importantes durante sua trajetória de vida. Devido às poucas referências apontadas que remetessem diretamente a homossexualidade negra, ficou evidente o processo solitário de construção subjetiva e afirmação identitária, em um panorama escasso de modelos em quem se basear ou inspirar.

Alguns participantes trouxeram ao grupo o tema da religião na infância e juventude e o papel que teria tido em suas vidas. Para as pessoas que declararam terem sido criadas no candomblé ou no budismo, o relato de seu processo de aceitação da homossexualidade aparece como tendo sido mais tranquilo, visto que para essas religiões questões sobre sexualidade são abordadas de modo mais positivo. Já para os participantes que declararam que faziam parte de alguma igreja evangélica na infância (a maioria dos presentes), o papel da igreja teria sido o de mascarar as expressões de suas sexualidades, através de uma legitimação religiosa buscada às vezes como parte de uma estratégia de aceitabilidade. Foi relatado que através da assunção de cargos de responsabilidade na igreja, era possível contrapor ao estigma da homossexualidade algum status no campo religioso. A relação com a igreja e esse cargo religioso também eram frequentemente usados como saída para escapar da violência policial, já que a partir de uma leitura moral ser da igreja excluiria a possibilidade de estar envolvido com algum tipo de criminalidade.

Nesse processo de pensar as *referências*, sinalizou-se a necessidade de pensar as particularidades e as necessidades de uma *bixa preta*. Seguindo a ideia

pensada para o grupo, esta indicação foi colocada então como pauta para o próximo encontro.

A reunião que havia se iniciado por volta das 18:00hs já se estendia para além das 22hs e era possível perceber na expressão de todos os presentes a satisfação e o desejo da manutenção daquele espaço único, em que tais pautas puderam ser discutidas, deixando assim indicativos da vontade de todos pela realização de um próximo encontro com data a ser marcada para o ano seguinte, devido às festas de fim de ano que se aproximavam.

3.2 **Bixa preta, e daí!? - Segunda edição**

O encontro aconteceu no dia 11 de março de 2017, três meses após a primeira edição, no mesmo local e horário, contando com presença de mais de vinte pessoas. O tema proposto foi: “Quais são as questões específicas das manas pretas brasileiras?”. Para servir de base para a discussão, foi exibido o filme "Tongues Untied" (Línguas Desatadas, 1989) de Marlon Riggs (EUA). O filme mostra a história de um norte-americano gay e negro, abordando diversos aspectos de sua vida, como os relacionamentos afetivos, racismo no interior da comunidade LGBT, homofobia e outros aspectos que também atravessavam as vivências dos participantes do encontro.

Neste encontro foi levantada principalmente a questão da socialização da *bixa preta*, colocando em pauta os lugares que estes corpos encontram para se expressar e se relacionar; que lugares eram possíveis para além dos espaços de sexualização de seus corpos.

Grande parte do encontro foi direcionada para pensar os padrões das relações afetivas mantidas pelas *bixas* e o quanto esses padrões estariam impregnados de formas de racismo e de auto-ódio. Os participantes colocaram em questão como alguns reproduziam em suas relações padrões estéticos brancos, entendendo que esses seriam os ideais a serem alcançados e entrando em dissonância com sua própria auto-imagem, não encontrando beleza no que viam em si próprios. Também, como planejado, foram elencadas pelo coletivo as pautas urgentes para o grupo e o que se acreditava se*r* importante *p*ara o coletivo de *bixas pretas:* envelhecer com dignidade, mercado de trabalho (emprego e

empreendedorismo), saúde mental, saúde sexual e sexualidade, afetividade, comunidade, visibilidade e ancestralidade, e genocídio.

Como demanda para o encontro seguinte surgiu a ideia de realizar alguma atividade em que o corpo fosse colocado em movimento e também fosse possível o contato com produções de outras *bixas pretas.*

3.3 **Bixa preta, e daí!? - Terceira edição**

No dia 08 de abril de 2017 aconteceu no Terreiro Contemporâneo, às 16:30Hs, o terceiro encontro do grupo de *bixas pretas,* com a presença de vinte e duas pessoas aproximadamente. No encontro anterior, algumas demandas haviam sido levantadas como práticas que o grupo desejava realizar. Este encontro buscou então atender às expectativas.

Diferentemente dos outros encontros em que o disparador para as discussões foi sempre um filme; nesse, as atividades realizadas diziam respeito a produções e intervenções das *bixas* que compunham o grupo, pensando sempre numa proposta de reflexão sobre o autocuidado. A questão colocada foi a de pensar quais ações os participantes do grupo se permitiam realizar em sua rotina para lidar com efeitos do racismo e homofobia cotidianos. Foram pensadas em ações de reação direta para lidar com essas violências partindo para o embate, mas também foram pensadas ações em coletivo, como ocupação em massa dos espaços em que as violências ocorrem e também dos próprios apoios individuais através dos pares.

Alguns participantes trouxeram suas contribuições para a temática, discorrendo sobre como melhor conseguiam conduzir esses momentos em que se viam em alguma situação de violência. O evento contou com uma atividade que trabalhou a temática da expressão e do relaxamento corporal, em que, através de atividades individuais e coletivas, estimulava-se um processo de atenção aos próprios movimentos, à condução da respiração, do contato com o próprio corpo e com o corpo do outro. Após esse momento, foram iniciadas algumas apresentações, como performance "*Bixa é coisa séria"*[33]*,* de Ventura Profana, artista cujo trabalho implica o confronto direto com as normas cisheteronormativas, além de um show de

[33] Neste trabalho, Ventura Profana fala sobre a seriedade de ser quem se é e sobre de onde viemos. Sua obra traz muito de sua trajetória na igreja evangélica em que, com o objetivo de subverter a lógica de violência que atravessa as pessoas pretas e LGBTs, usando dos mesmos signos de salvação, a lógica dos louvores, de uma bíblia, busca enaltecer suas vivências.

Mc Caten[34], uma *bixa preta* de favela que em suas composições traz suas experiências cotidianas, relacionamentos e modos de diversão. A relação da *bixa preta* com o funk foi especialmente trabalhada por Viana (2018), estabelecendo uma relação entre o ritmo, muito presente nas periferias onde habita a maioria das pessoas pretas, e o estigma que carrega. O funk para a *bixa preta* seria também uma forma de se expressar e se relacionar com o mundo.

Apesar da complexidade dos temas abordados pelas apresentações e atividades, a proposta deste encontro foi muito mais a de estabelecer contato com o trabalho de outros companheiros do grupo do que a de desenvolver alguma discussão teórica sobre a temática. O caráter da proposta ficou nítido quando o fim do encontro parecia uma grande festa de celebração entre *bixas pretas* em torno da produção artísticas delas próprias.

3.4 **Bixa preta, e daí!? - Quarta edição**

A quarta edição do encontro aconteceu no dia 24 de junho de 2017 às 16Hs no Terreiro Contemporâneo, estando presentes aproximadamente vinte e quatro pessoas. A proposta para o encontro foi a exibição do filme “Paris is Burning”[35] (1991) de Jennie Livingston. Este filme foi escolhido por conta da ideia de comunidade, da importância de encontro de pessoas LGBT para se fortalecerem e se relacionar.

O filme mostra o início da cultura vogue nos Estados Unidos e sua composição principalmente por pessoas negras e latinas, mostrando como esses grupos encontraram nas performances também formas de construir comunidades, as chamadas “haus”. Berte (2014) nos dá o panorama do surgimento da cultura vogue no contexto da década de 1980 nos subúrbios de Nova Iorque a partir dos bailes realizados principalmente por pessoas LGBT na ideia de construção de um senso de

[34] Mc Caten apresentou a música “Sento no vapor” que conta a história de uma *bixa* de favela que se relaciona com um integrante do tráfico de drogas nas favelas. O ritmo do funk e o tipo de relação cantada animou muito os presentes, talvez por já terem vivido situações semelhantes como alguns comentaram.

[35] Paris Is Burning é um filme-documentário estadunidense do ano de 1991 gravado em diferentes fases da década de 1980, que segue a comunidade LGBT na cidade de Nova Iorque, mostrando espaços de sociabilidade, costumes, relações com a cidade e entre si. Aborda, sobretudo, a chamada “cultura ballroom” e performances da dança vogue.

comunidade, de livre expressão do corpo e de si. Uma frase do filme ficou registrada pela maioria dos participantes, quando se diz que o negro tem duas coisas contra ele no mundo: ser negro e ser homem. No caso de ser homem, negro e gay as dificuldades seriam então muito maiores. Outra ênfase do filme que chamou a atenção dos participantes foi a organização coletiva das “haus”, o que levou a pensar na própria construção do grupo de *bixas pretas* e na construção daquele espaço.

Neste encontro também ocorreu uma oficina de voguing ministrada por Victor Cantuária, uma das *bixas* que compõem o grupo, para que os participantes pudessem experimentar alguns dos movimentos exibidos no filme. Uma oficina de voguing é um espaço em que alguém com maior habilidade para realizar os movimentos da dança e as poses ensina para as outras pessoas como realizar tais movimentos de acordo com o ritmo da música, de forma que essas pessoas vão ganhando habilidades e futuramente possam ter liberdade para criar seus próprios movimentos e se expressar através da dança. O objetivo era o fortalecimento do espaço e a criação de uma comunidade, um espaço de sociabilidade e resistência, como apresentado no filme. Mesclando o ensino dos movimentos com um pouco de conhecimento sobre a chamada cultura vogue, a oficina colocou todos para se expressarem através do corpo.

Em um último momento, foi aberto espaço para os participantes contribuírem com temáticas, propostas e ações que poderiam ser realizadas pelo grupo. Outro ponto discutido foi a abertura ou não do grupo para outras pessoas, fossem “heterossexuais e/ou “pessoas brancas”. Com o objetivo de resguardar o conforto do espaço construído para as *bixas pretas* foi decidido que os encontros poderiam ter dois momentos, sendo um exclusivo para as *bixas pretas* e outro em que as demais pessoas poderiam participar. Esta decisão também estava relacionada à ocupação do espaço do Terreiro Contemporâneo, visto que uma das suas principais formas de obtenção de renda se dá através de um bar que funciona no local. Desta forma, seria possível ampliar o número de pessoas frequentando o local e consequentemente aumentar a arrecadação do bar.

3.5 **Bixa preta, e daí!? - Quinta edição**

No dia 22 de julho de 2017 aconteceu a quinta edição do encontro, iniciado às 18:00Hs, no mesmo local dos eventos anteriores e contando com a presença de aproximadamente vinte pessoas. Desde a primeira edição, este foi o primeiro evento com a proposta de ser aberto para todas as pessoas e não somente para as *bixas pretas,* preservando-se um momento anterior ao início das atividades para uma conversa apenas entre as *bixas pretas.* Neste momento anterior, foram discutidas questões relativas à organização dos eventos e a avaliações internas do grupo sobre as edições anteriores e sobre propostas futuras.

Neste encontro foi exibido e discutido o filme "Moonlight" (2016), de Barry Jenkins[36]. Em seu lançamento, o filme ganhou grande espaço na mídia por discutir a temática da homossexualidade masculina negra a partir de uma ótica das experiências de vida do personagem. Também estiveram presentes duas pessoas convidadas a contribuírem com a discussão a partir de suas pesquisas e vivências: Rolf Malungo[37] trouxe contribuições a partir de suas pesquisas sobre masculinidades e Marcela Lisboa[38] apresentou uma análise do filme sob a ótica de uma mulher negra.

Por ser aberto para pessoas de todos os gêneros, sexualidades e raças, este encontro teve um número um pouco maior de participantes, chegando a aproximadamente trinta pessoas. A grande maioria dos presentes era *bixa preta*, seguidas de mulheres negras que, sentadas em círculo, discutiram os temas abordados pelo filme. Dentre os temas, destacou-se o relativo ao modo pelo qual um corpo negro, ao sofrer diversas violências, vê-se na impossibilidade de expressar seus afetos e, quando o faz, isso sempre se dá de maneira fortuita e discreta, sempre à espera de retaliações. Marcela apontou a situação de vulnerabilidade em que se encontrava a família do personagem principal, vivendo na periferia e como a realidade de violências também se reproduzia na vida da mãe do personagem

[36] "Moonlight" é um filme de drama estadunidense de 2016, dirigido por Barry Jenkins e escrito por Jenkins e Tarell Alvin McCraney, baseado na peça inédita In Moonlight Black Boys Look Blue de McCraney. O filme apresenta três etapas na vida de Chiron, o personagem principal, explorando as dificuldades que ele enfrenta no processo de reconhecimento de sua própria identidade e sexualidade, e o abuso físico e emocional que recebe ao longo destas transformações.

[37] Rolf Malungo de Souza é um homem preto, antropólogo e professor adjunto da Universidade Federal Fluminense com suas pesquisas desenvolvidas principalmente para pensar questões referentes às masculinidades negras.

[38] Marcela Lisboa é uma mulher preta, jornalista que atualmente colabora com a edição da Revista Alma Preta. Seu campo de pesquisa está voltado para as discussões sobre dinâmicas raciais e de gênero.

principal, através do uso de drogas e da violência doméstica, traçando um paralelo com as dificuldades similares que mulheres negras encontram no Brasil.

3.6 **Bixa preta, e daí!? - Sexta edição**

A sexta edição do encontro aconteceu no dia 26 de agosto de 2017 às 16Hs no Terreiro Contemporâneo. Com a presença de aproximadamente vinte e uma pessoas, o encontro seguiu o combinado em edições anteriores, dividindo-se em dois momentos, sendo um exclusivamente para as *bixas pretas* e outro, aberto para todas as pessoas. O momento fechado do encontro durou de 16Hs às 18Hs e nele foram discutidas perspectivas para os eventos posteriores e como as pessoas estavam se sentindo naquele espaço. O objetivo deste momento em separado era mais de avaliação e de sugestões para a melhor condução do grupo.

A proposta para este encontro foi estabelecer um momento de comemoração. Diferente dos encontros anteriores, neste não houve nenhum filme ou texto utilizado como disparador da discussão. O encontro contava com a presença de DJs, algumas *bixas* realizaram performances musicais, exibição de videoclipes. Foi um encontro pensado para ser um espaço de celebração da vida e do encontro das *bixas pretas.*

3.7 **Bixa preta, e daí!? - Sétima edição**

No dia 23 de setembro de 2017, às 14:00Hs, desta vez no jardim do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM), ocorreu a sétima edição do encontro de *bixas pretas*. A escolha do local para a realização deste encontro se deu em virtude de ser um espaço ao ar livre e que outras pessoas e grupos utilizam para realizar seus encontros. Neste espaço, principalmente grupos de jovens,se reúnem para ensaios de dança ou para fazer lanches coletivos. Com a presença de dezesseis pessoas, o encontro reservado somente para as *bixas* teve como temática o compartilhamento de histórias sobre relacionamentos amorosos e afetivos e sobre o significava ser uma *bixa preta* no meio LGBT.

Para este encontro foi pensada uma organização no formato de lanche colaborativo, em que os participantes levaram algumas comidas e bebidas para compartilhar durante o evento. Na convocatória para o encontro, explicitava-se que mesmo as pessoas que não pudessem contribuir para o lanche deveriam ainda assim comparecer para compartilhar da presença das outras pessoas. Foi também solicitado que as *bixas* se recordassem previamente das experiências vividas, seja em relacionamentos, em encontros ou até mesmo em conversas de aplicativos para relacionamento.

Neste encontro duas pautas se apresentaram com mais frequência nos relatos. A primeira sinalizava que o racismo reproduzido nas relações fazia com que os corpos das *bixas pretas* fossem objetificados, de maneira que eram convocadas apenas para “pegações”, para o sexo. Seus corpos seriam sempre acionados apenas para o prazer “sem compromissos”. A outra pauta versava sobre os processos de auto-aceitação, tanto de seus corpos, questionando-se os padrões de beleza, quanto da própria escolha do parceiro, colocando-se a questão sobre qual tipo de relacionamento as *bixas* estavam buscando e/ou se permitindo estabelecer.

Assim como nos outros encontros, foi possível perceber que as dificuldades, situações vexatórias e também os momentos felizes partilhados nas histórias de cada pessoa presente eram definidas pelo lugar da *bixa preta*. Neste encontro fechado, depois do anterior que foi aberto, ficou evidente a importância de um espaço exclusivo para as discussões entre as *bixas,* entendendo que algumas questões são mais bem explicadas e entendidas quando o ambiente é mais acolhedor pela auto-identificação entre os participantes.

3.8 **Bixa preta, e daí!? - Oitava edição**

O encontro aconteceu no dia 17 de dezembro de 2017, às 15:00Hs, no FRONT, um centro de artes localizado na região central da cidade do Rio de Janeiro. Trata-se de um local com estrutura para receber encontros e também apresentações artísticas. Este foi um encontro de comemoração pelo primeiro ano de existência do grupo e contou com a presença de aproximadamente vinte e uma pessoas.

A proposta pensada para o evento foi a de um sarau de poesias, com textos exclusivamente elaborados por *bixas pretas*, seguido de um momento com a

performance de DJs. Os poetas convidados para apresentação residiam em sua maioria na cidade do Rio de Janeiro.[39] O encontro também contou com apresentações de artistas convidados de outros estados.[40]

Os poetas trouxeram em suas poesias e intervenções principalmente a temática de ser uma *bixa preta* numa sociedade em que seus corpos são atravessados cotidianamente por formas de racismo e LGBTfobia, seguido de palavras de resistência e empoderamento. Após as apresentações, começaram as músicas tocadas pelos DJs, que proporcionaram uma continuação das expressões artísticas, naquele momento performadas através dos corpos e das danças das *bixas pretas* presentes.

3.9 **Bixa preta, e daí!? - Nona edição**

Esta edição do encontro programada para acontecer no dia 27 de janeiro de 2018 apresentava a proposta de um encontro a ser realizado no Posto 9 da praia de Ipanema, na afluente Zona Sul do Rio de Janeiro. O ponto da praia escolhido foi pensado por ser um espaço que historicamente é frequentado por LGBTs. A ideia era a ocupação em coletivo de um espaço público de forma que as *bixas pretas* pudessem se sentir confortáveis nesse contexto. O evento, que no Facebook contava com a confirmação de presença de setenta e duas pessoas, precisou ser cancelado por conta do clima chuvoso. Durante a semana os participantes e organizadores acompanhavam as previsões do clima para o dia, na expectativa de manter o encontro.

3.10 **Bixa preta, e daí!? - Décima edição**

O encontro ocorreu no dia 28 de setembro de 2019, um dia frio e chuvoso, em um espaço chamado Saravá Bien[41] e contou com a presença de doze pessoas. Até o momento desta escrita, este foi o último encontro realizado pelo grupo. Neste dia,

[39] Foram eles: Aiye; Caten; Emerson Caetano; Hebert Vinicius Miranda; Jorruan Almeida; Octávio Dutra Nogueira; Osmar Filho e Raffa Barros.

[40] Jônatas Silva [São Paulo/SP]; Magno Almeida [Maceió/AL]; Marcio Junqueira [Salvador/BA]; Pedro Serra [São Luiz/MA]; e Rafael Guerche [São Paulo, SP].

[41] O Saravá Bien é um espaço voltado para valorização da arte e cultura negra, localizado no Beco dos Carmelitas, no bairro da Lapa.

o grupo tinha como questão repensar toda a trajetória de encontros já realizados, relembrar das pessoas que já haviam passado pelos encontros, bem como os desdobramentos e conversas posteriores às discussões acontecidas em coletivo. Com isso, retornou-se ao próprio nome do grupo e seu “e daí!?!”, entendendo esta expressão como uma indagação que convocava à ação, evocando assim a discussão sobre as ações já feitas e as que estariam por vir.

A discussão deste último encontro girou em torno da questão sobre qual marcador social da diferença definiria mais a experiência da *bixa preta*, se a raça ou a sexualidade. Outra questão levantada foi a de pensar se os encontros do coletivo eram parte de um processo de fortalecimento de comunidade ou se era apenas para cuidar de algum aspecto particular que o atravessava. Após os direcionamentos das questões, pelo avançado da hora, o encontro foi terminado. Dada a densidade das questões levantadas, ficou nítida a necessidade de outros encontros em torno da temática e da presença de outras pessoas para contribuir à discussão.

4 **MUITA BIXA JUNTA, SÓ PODIA DAR EM "BIXARIA"**[42]

Neste período de pouco mais de três anos em que os encontros foram realizados, foi possível perceber a diversificação e adensamento das questões abordadas. Nos primeiros encontros, a dimensão individual era mais valorizada, como se todas as experiências partissem de uma singularidade não compartilhada por outras pessoas. No decorrer dos encontros, o coletivo começa a se dar conta de que todas as singularidades eram de alguma forma atravessadas por um contexto social, seja através das questões de classe, seja através da lgbtfobia, seja através do racismo. Com essas percepções as discussões passaram a tomar outra amplitude. Os encontros se tornaram então um espaço de grande potência.

No primeiro dos encontros, foi pensada a questão das *referências*, sendo evocado pelos participantes principalmente o período da infância. Muitos citaram personagens fictícios de desenhos e jogos, mas poucos, de fato, representavam os aspectos de raça e sexualidade que gerassem uma total identificação. Esta dificuldade encontrada pelo homossexual negro para pensar sua identidade é analisada por Arantes (2009) pela posição do "entre – lugar", de fronteira, que ocupam. O autor sinaliza como o (não) pertencer às representações hegemônicas ocidentais de raça e sexualidade desloca o homossexual negro para um entre-lugar de questionamentos, gerando tensões de não pertencimento. Esse entre-lugar diz de uma não conformidade às demandas colocadas por ser um homem negro homossexual, já que o lugar historicamente direcionando para o corpo negro no Ocidente se constrói a partir de uma representação que envolve heterossexualidade e virilidade. A busca por identificação de um homem homossexual negro em um contexto de produções midiáticas, de consumo, baseadas numa estética branca ocidental, bem como pautada numa estrutura heterocisnormativa, sustenta este entre-lugar.

Pensando que os atravessamentos identitários também compõem os contextos dos espaços de sociabilidade, ponto também discutido em um dos encontros, a dificuldade de identificar-se consigo próprio também surge nas

[42]Na música "Necomancia", Linn da Quebrada cria o neologismo "bixaria" para se referir ao conjunto que expressões que compõem uma *bixa* como afeminada, bela, raivosa, pensando em um paralelo com a palavra bruxaria, tomando como a magia que a *bixa* utiliza para sobreviver.

dificuldades de se identificar com espaços de convivência, geralmente baseados nos mesmos processos de racismo e LGBTfobia estrutural.

Pensar esses processos estruturais nos convoca para uma discussão a partir da análise de sistemas de poder, como o capitalismo e o racismo, que apesar de se apresentarem separadamente não são excludentes. Foucault (2008), na aula de 17 de março de 1976, realiza um interessante panorama sobre os processos de poder. Inicia a discussão falando dos processos do poder soberano, passando então para uma outra modulação do poder através da disciplina. Neste sistema de poder, através das estratégias de controle do povo e governo dos corpos, eram decididos quais os sujeitos seriam passíveis de viver e quais deveriam ser deixados para morrer. Com o avanço das sociedades e das estratégias de controle, Foucault aponta que uma nova estratégia de poder se articula: o biopoder.

O biopoder se apresenta como uma ampla estratégia de controle sobre a vida, nos seus mais diversos aspectos. Nada escapa ao biopoder e sua prática de vigilância e controle. Estes se apresentam enraizados na estrutura das sociedades e, diferentemente dos modos anteriores de controle que possuíam sua personificação em um indivíduo (rei) ou no Estado, agora todos os indivíduos são como parte do Estado, exercendo da mesma forma uma polícia contínua, que faz com que os próprios sujeitos pratiquem uma autorregulação de seus corpos em prol de uma normalização.

O questionamento que busco fazer se encontra na reverberação da tecnologia soberana de poder em que a lógica vigente era o “fazer viver ou deixar morrer”, de maneira que sua prática na modernidade camufla-se, mas ainda assim é possível perceber a quem se destina o deixar morrer. Na contemporaneidade, principalmente através da situação da população negra e pobre do Brasil, podemos perceber que a incidência do poder sobre ela não se dá mais como uma prática do biopoder, do controle sobre a vida como o apontado por Foucault, mas sim, em uma lógica do necropoder, como o apontado por Mbembe (2018), em que está vigente uma política da morte.

Em seu ensaio “Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte”, Achille Mbembe nos apresenta uma das formas que o poder sobre os corpos e sobre a vida e a morte assume na contemporaneidade. O autor aponta como, principalmente nos regimes de escravidão e nos regimes totalitários,

em que a privação de escolhas dos indivíduos sobre seus corpos os submete a uma política de extermínio imposta pelo Estado, instaura-se uma lógica de morte. A morte se torna o poder vigente e também um operador nas relações. Tal fato pode ocorrer a partir da decisão de um proprietário de escravos sobre o fim da vida de um de seus escravos segundo sua vontade, de uma prática de guerra em que o objetivo não é a conquista de território ou o conflito em si, mas sim, a lógica de fazer o inimigo perecer, cerceando qualquer possibilidade de vida, seja por ataques surpresa ou por privação de insumos básicos para a sobrevivência, ou mesmo por incursões policiais a mando do Estado em comunidades em nome de uma suposta "guerra às drogas". O autor defende que o conceito de biopoder elaborado por Foucault não é mais suficiente para elucidar as relações de força que se apresentam na modernidade. Mbembe atenta para um fator muito importante e que se aplica explicitamente no contexto brasileiro: a racialização da discussão sobre poder.

As análises de Foucault e Mbembe convergem no ponto em que elucidam o racismo como estruturante nessas relações de produção de morte. Nos regimes de poder de soberania e disciplinar ainda havia espaço para a morte atuar explicitamente como uma política de Estado. A partir do biopoder, a vida passa a tomar a centralidade e com ela todas as suas formas de manutenção e controle. Foucault (2008) aponta diretamente este momento como o marco para a alocação do racismo como uma estratégia, uma manobra para que os governos da morte se sustentem diante do imperativo de proteção da vida.

Essas análises teóricas se tornam muito pertinentes quando realizamos uma intersecção de dados estatísticos recentes. Na última publicação do Atlas da Violência (2019), encontramos duas informações que compõem com a discussão. No período de 2017 a 2019 (período de coleta dos dados), é possível observar que mais de 75% das vítimas de homicídio registrados no Brasil eram pessoas negras. Outra informação importante contida no Atlas é um novo capítulo destinado a informação sobre violências direcionadas a pessoas LGBT. Nesse capítulo, porém, constam apenas a declaração da defasagem de dados pois as informações pertinentes à sexualidade e identidade de gênero não são informações que constam nos registros policiais dos homicídios, dificultando assim a coleta fidedigna de

material. Os levantamentos estatísticos que constam são provenientes apenas do portal de denúncia Disque 100[43].

Na busca de complementos estatísticos para fortalecer a discussão, é possível encontrar informações sobre violência contra pessoas LGBTs a partir de fontes não governamentais. Anualmente o GGB, nas pessoas de Oliveira e Mott, faz a publicação do documento “Mortes Violentas de LGBT+ no Brasil” (2020). O último compilado de informações foi publicado nesse ano e os dados que constam no relatório são provenientes de matérias de veículos de comunicação, como jornais, revistas e noticiários televisivos, que foram cotidianamente analisados durante o ano de 2019. No relatório, consta a informação que nos casos de morte por LGBTfobia, mais de 52% são gays, estando a maioria na faixa etária entre vinte e trinta anos, bem como que o percentual de negros vítimas dessas violências é o mais expressivo dentre as categorias raciais analisadas.

Através da análise de todo este material estatístico, justifica-se a importância da criação e manutenção deste espaço de *bixas pretas,* organizadas com intuito de promoção e proteção de práticas de vida, sustentando-se na contrapartida de um Estado baseado na política de morte em relação a certos corpos. Como resposta a esse movimento, no sentido de fortalecer o campo de estudos na temática abordada por este trabalho, para além das mobilizações através de atividades, se faz necessário pensar também as produções acadêmicas em jogo e com isso pensar que pontos teóricos podem ser evocados para sustentar também estes espaços.

[43] O Disque 100 é um canal que recebe, analisa e encaminha denúncias de violações de direitos humanos relacionados a certos grupos sociais, como crianças, idosos, LGBTs, entre outros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Repensar este processo de trabalho desde o início me leva a refletir sobre os caminhos e descaminhos que uma pesquisa pode tomar. Inicialmente pensando sobre a categoria de *população LGBT* e percebendo que a conformação do trabalho tomaria um campo mais de elaboração teórico-conceitual, percebi a escolha dessa estratégia de pesquisa não seria bem desenvolvida dessa forma. O processo das disciplinas do mestrado se apresentou fundamentais para que outras estratégias e caminhos surgissem.

A discussão sobre a *bixa preta* abordada neste trabalho se apresenta antes de tudo como um processo de desenvolvimento pessoal, visto que através do trabalho foi possível revisitar anotações, relembrar experiências, possibilitando uma escrita movida pelo afeto. Aliás, possibilitou revisitar memórias históricas, como assistir a Vera Verão na televisão ou dar de encontro com as figuras da malandragem pelos Arcos da Lapa. Foi um trabalho feito nas salas da universidade, mas também foi feito a partir dos encontros com os pares, com a rua, com a encruzilhada.

Dissertar sobre um campo em recente expansão requer um trabalho de atualização contínua, visto que estes processos ainda estão em movimento e a todo momento irrompem novas formulações, como um novo artista que surge levantando a bandeira da *bixa preta*, uma nova festa que surge pautando a temática. Com isso, uma outra possibilidade de expansão deste trabalho poderia se dar através das análises das contribuições de outros coletivos pelo país, dado que o coletivo em questão nesta dissertação foi construído na região central da cidade do Rio de Janeiro. Seria interessante fazer análises comparativas com outras grandes capitais e seus movimentos, bem como movimentos menores existentes em cidades de interior.

Outro caminho não trilhado por essa dissertação é o que ser remete às questões de saúde mental que podem ser colocadas em discussão a partir do lugar

de *bixa preta*. Como é sustentar essa identidade de maneira saudável, tendo que lidar como todas as violências do racismo e da LGBTfobia? Pensar os processos de saúde - doença tanto nos níveis individuais quanto nos coletivos.

O caminho trilhado utilizando como base de pesquisa portais de produção de conteúdo independente permitiu que a dissertação se aproximasse do cotidiano. Como as discussões relacionadas com a *bixa preta* se apresentam em ascensão recente, essa produção elaborada com uma proximidade grande das vivências garante que a produção não se distancie de seu objeto.

Mesmo ciente das possibilidades de abertura que este trabalho propõe, é importante endossar seu papel primeiramente como um registro do Coletivo “Bixa Preta, e daí?!”, mesmo que sob a ótica de um participante, entendendo a importância que o grupo representou para muitas pessoas. Outro aspecto desse trabalho, e o principal é o de evocar a potência desse lugar tensionado por aspectos de raça, gênero, sexualidades, que é o lugar da *bixa preta*. Estes corpos que apesar das limitações, sejam de qual ordem for, são corpos que estão vivos, produzindo, articulando-se e, principalmente, falando sobre si.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única.** Companhia das Letras; Edição: 1, 2019.

AGUIÃO, Silvia. **“Não somos um simples conjunto de letrinhas”: disputas internas e (re)arranjos da política “LGBT”**. Cadernos pagu (46), janeiro-abril de 2016:279-310

AKOTIRENE, Karla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Polém, 2019. 150 p.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

ARANTES, José Estevão Rocha. **Homossexualidades e negritudes: identidades e afetividades no entre lugar**. 2009. 124 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009.

AROSA, Guido Vieira. **Da opressão à emancipação - a metamorfose da crítica ao romance “Bom-Crioulo”, de Adolfo Caminha.** Interfaces Científicas - Humanas e Sociais. Aracaju, v.6, n.2, p. 163 - 174, out. 2017

Atlas da violência 2019. Organizadores: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Brasília: Rio de Janeiro: São Paulo: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública.
BARRETO, Adalberto. **Terapia comunitária: passo a passo**. 3. ed. revisada e ampliada.– Fortaleza: Gráfica LCR, 2005

BERTE, Odailso. **VOGUE: dança a partir de relações corpo-imagem**. Revista Dança, Salvador, v. 3, n. 2 p. 69-80, jul/dez. 2014

BEZERRA DA SILVA. **Malandro é malandro e mané é mané**. Atração Fonográfica: 2000.

BRAH, Avtar. **“Diferença, diversidade, diferenciação”**. In: Cadernos Pagu, Campinas, n. 26, 2006, p. 329-376

BRASIL. **Lei das Contravenções Penais - Decreto-lei nº 3.688, de 3 de outubro de 1941**

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa e ao Controle Social. **Política Nacional de Saúde Integral da População Negra**. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. **Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais** / Ministério da Saúde, Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa, Departamento de Apoio à Gestão Participativa. Brasília : 1. ed., 1. reimp. Ministério da Saúde, 2013.

BRITO, Alexandre Magno Maciel Costa e. **O lampião da esquina: uma voz homossexual no Brasil em tempos de fúria (1978-1981)**. 2016.137 f., il. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAMPOS, Maria Teresa de Arruda. **Tá rindo de quem? O negro e o gay como motivos de piadas**. 2013. 170 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP.

CARRARA, Sérgio. **Estratégias anticoloniais: sífilis, raça e identidade nacional no Brasil do entre-guerras.** In: HOCHMAN, G., and ARMUS, D., orgs. Cuidar, controlar, curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2004.

CARRARA, Sérgio; SIMÕES, Júlio Assis. **Sexualidade, cultura e política: a trajetória da identidade homossexual masculina na antropologia brasileira**. Cad. Pagu, Campinas, n. 28, p. 65-99, June 2007 .

Cho, Sumi ; Crenshaw, Kimberlé Williams ; McCall, Leslie. / **Toward a field of intersectionality studies : Theory, applications, and praxis**. In: Signs. 2013 ; Vol. 38, No. 4. pp. 785-810

Crenshaw, Kimberlé. **‘Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics,"** University of Chicago Legal Forum: Vol. 1989: Iss. 1, Article 8.

Disponível em: http://chicagounbound.uchicago.edu/uclf/vol1989/iss1/8
CONSELHO Nacional de Combate à Discriminação. Brasil Sem Homofobia: Programa de combate à violência e à discriminação contra LGTB e promoção da cidadania homossexual. Brasília : Ministério da Saúde, 2004.
DOMINGUES, Petrônio. **Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos.** Tempo, Niterói , v. 12, n. 23, p. 100-122, 2007 .

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas** / Frantz Fanon; tradução de Renato da Silveira. - Salvador: EDUFBA, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Aula de 17 de março de 1976. In: Em Defesa da Sociedade curso dado no Collége de France (1978-1979)**. Martins Fontes, São Paulo, 2008.

GREEN, James Naylor. **O Pasquim e Madame Satã, a "rainha" negra da boemia brasileira**. TOPOI, v. 4, n. 7, jul.-dez. 2003, pp. 201-221

HENNING, Carlos Eduardo. **As diferenças na diferença: hierarquia e interseções de geração, gênero, classe, raça e corporalidade em bares e boates GLS de Florianópolis, SC**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Santa Catarina, 2008.

KURASHIGE, Keith Diego. **Marcas do desejo: um estudo sobre os critérios de raça na seleção de parceiros em relações homoeróticas masculinas criadas online na cidade de São Carlos.** 2014. 124 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2014.

LINN DA QUEBRADA. **Bixa preta.** Pajubá: 2017.

MACRAE, Edward. **A construção da igualdade- política e identidade homossexual no Brasil da "abertura"**. / Edward MacRae. – Salvador: EDUFBA, 2018.

MATORY, J Lorandy 2008. **Feminismo, nacionalismo, e a luta pelo significado do Adé no candomblé: ou, como Edison Carneiro e Ruth Landes inverteram o curso da história**. Revista De Antropologia 51 (1), 107-21.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. São** Paulo, n-1 edições. 2018.

MELLO, Luiz e GONCALVES, Eliana. **Diferença e interseccionalidade: notas para pensar práticas de saúde.** Em Revista do Programa de Pós- graduação em Ciências Sociais da UFRN, vol 11, n° 2. 2010. pg: 163-173

MELO, Glenda Cristina Valim de; LOPES, Luiz Paulo da Moita. **Ordens de indexicalidadembilizadas nas performances discursivas de um garoto de programa: ser negro e homoerótico**. Ling. (dis)curso, Tubarão, v. 14, n. 3, p. 653-673, dez. 2014 .

MARAIS, Fernando Luis de. **Diamantes negros sob um arco-íris multicolorido: as identidades negras-gay na poesia de Thomas Grimes**. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista. Programa de Pós Graduação em Letras. Departamento de Letras. São Paulo, 2019.

MOREIRA, Adilson José. **Racismo Recreativo**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

MOTT, Luiz (editor) **Boletim do Grupo Gay da Bahia.** Salvador, Editora GGB/Secretaria Estadual de Justiça e Direitos Humanos. 2011.

MOUTINHO, Laura. **"'Raça', sexualidade e gênero na construção da identidade nacional: uma comparação entre Brasil e África do Sul"**. Cadernos Pagu (23), 2004.

OLIVEIRA, José Marcelo Domingos de; MOTT, Luiz. **Mortes violentas de LGBT+ no Brasil – 2019: Relatório do Grupo Gay da Bahia** – 1. ed. – Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 2020.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. **O diabo em forma de gente: (r)existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação.** Curitiba, 2017.190f.
PAEZZO, Sylvan. **Memórias de Madame Satã: conforme narração a Sylvan Paezzo**. Rio de Janeiro: Lidador, 1972.

PAULINO, Danilo Borges; RASERA, Emerson Fernando; TEIXEIRA, Flávia do Bonsucesso. **Discursos sobre o cuidado em saúde de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais (LGBT) entre médicas(os) da Estratégia Saúde da Família.** Interface (Botucatu), Botucatu , v. 23, 2019 .

PAVELTCHUK, Fernanda de Oliveira; BORSA, Juliane Callegaro. **Homofobia internalizada, conectividade comunitária e saúde mental em uma amostra de indivíduos LGB brasileiros**. Avances en Psicología Latinoamericana, 37(1), p. 47-61, 2019.

PEREIRA, Diego Ramon Souza; MOREIRA, Núbia Regina. **Intersecção e alteridade: Sexualidade e raça na obra Bom Crioulo, de Adolfo Caminha**. Baleia na Rede - Estudos em arte e sociedade, n.1, V.11

PINHO, Osmundo. **A Guerra dos Mundos Homossexuais - resistência e contra-hegemonias de raça e gênero.** In: Homossexualidade: produção cultural, cidadania e saúde / organizadores Luís Felipe Rios... [et al.]. - Rio de Janeiro : ABIA, 2004

PINHO, Osmundo. **Race Fucker: representações raciais na pornografia gay**. Cad. Pagu, Campinas, n. 38, p. 159-195, jun. 2012 .

PISCITELLI, Adriana. **Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras**. Sociedade e Cultura (11), nº 2, 2008, pp.263-274.

PRECIADO, Beatriz. **Multidões queer: notas para uma política dos "anormais".** Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 11-20, Apr. 2011 .

QUIMBANDA DUDU – Grupo Gay Negro da Bahia. **Boletim do Quimbanda Dudu – Grupo Gay Negro da Bahia: Direitos Humanos, Diversidade Sexual e Cidadania dos Afro-Brasileiros**, n. 6. Bahia, 2005.

REA, Caterina Alessandra; AMANCIO, Izzie Madalena Santos. **Descolonizar a sexualidade: Teoria Queer of Colour e trânsitos para o Sul**. Cad. Pagu, Campinas , n. 53, e185315, 2018 .

REIS, Ramon Pereira dos. **Cidades e subjetividades homossexuais: cruzando marcadores da diferença em bares, nas "periferias" de São Paulo e Belém**. Tese (doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Antropologia. Área de concentração: antropologia social. São Paulo, 2017.

RIBEIRO, Alexandre Gaspari. **Que gay sou eu? Interseccionalidades em praias gays do Rio de Janeiro.** 2015. 138 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2015.

SANTOS, Daniel dos. **Ogó: encruzilhadas de uma história das masculinidades e sexualidades negras na diáspora atlântica.** UNIVERSITAS HUMANAS , v. 11, p. 7-20, 2014.

SILVA, Natanael; RUBIO, Natam. **Sexualidade homossexual no jornal O Lampião da Esquina**. Revista TransVersos, [S.I.], n.14, p. 165-186, jan. 2019. ISSN 2179-7528.

SIMÕES, Júlio & FACCHINI, Regina. **Na trilha do arco-íris. Do movimento homossexual ao LGBT**. São Paulo: Perseu Abramo. 2008.

SIMÕES, Júlio Assis; FRANCA, Isadora Lins; MACEDO, Marcio. **Jeitos de corpo: cor/raça, gênero, sexualidade e sociabilidade juvenil no centro de São Paulo**. Cad. Pagu, Campinas , n. 35, p. 37-78, dez. 2010 .

VEIGA, Lucas. **As diásporas da bixa preta: sobre ser negro e gay no Brasil.** Revista Tabuleiro de Letras, PPGEL – Salvador, Vol.: 12; nº. 01, junho de 2018

VIANA DE PAULO, Rodolfo. **O imundo, o funk e as bixas-pretas: imagens, performances e as poses no portrait fotográfico.** 2018. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, Programa de Pós-graduação em Artes da Cena,Rio de Janeiro, 2018

VILLANI, Maycon Lopes. **Para não ser uma bicha da favela: uma etnografia sobre corpo, sexualidade e distinção social.** Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2015. 146 f.

WERNECK, Jurema. **Racismo institucional e saúde da população negra**. Saúde e Sociedade, São Paulo, v. 25, n. 3, p. 535-549, 2016.